

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

Joví Mendes Barbosa

**JUNTES E MISTURADES: PRÁTICAS TEATRAIS ANTIRRACISTAS E
POSSÍVEIS RECORTES DO UNIVERSO LGBTQIAPN+ NA ESCOLA.**

**ESCRITA POR UME PROFESSORIE ARTISTA NEGRE TRANS NÃO
BINÁRIE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Teatro – Licenciatura – Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção de título de Graduado em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Carvalho de Figueiredo

Belo Horizonte

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
[ESCOLA DE BELAS ARTES]
[DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS]

FOLHA DE APROVAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

JOVÍ MENDES BARBOSA (JOÃO VITOR MENDES BARBOSA)

Título da monografia: **“JUNTOS E MISTURADES: PRÁTICAS TEATRAIS ANTIRRACISTAS E POSSÍVEIS RECORTES DO UNIVERSO LGBTQIAPN+ NA ESCOLA. ESCRITA POR UME PROFESSORIE ARTISTA NEGRE TRANS NÃO BINÁRIE”.**

Aprovado em 09/12/2022

Ricardo Carvalho de Figueiredo
Orientador – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Eli Nunes
Membro – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Luan Queiroz da Silva
Membro – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Autorizo a publicação deste trabalho em meios eletrônicos, incluindo a biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte
2022



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Carvalho de Figueiredo, Professor do Magistério Superior**, em 13/12/2022, às 14:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elisa Nunes Monteiro, Usuário Externo**, em 14/12/2022, às 15:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luan Queiroz da Silva, Usuário Externo**, em 14/12/2022, às 16:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1951178** e o código CRC **5686A61C**.

Referência: Processo nº 23072.271992/2022-23

SEI nº 1951178

AGRADECIMENTOS

Agradeço Orixás pela vida, pelos caminhos, pelas intuições, proteções e encruzilhadas.

Agradeço às minhas ancestrais pelas memórias, pelos saberes, pelas lutas, resistências e caminhos abertos.

Agradeço as pessoas de luta que vieram antes, as que estão em movimento e as que ainda virão.

Agradeço a minha família: minha mãe, meu pai e minha irmã pelo apoio, pela companhia e por não soltarem a minha mão.

Agradeço ao meu orientador Professor Ricardo Carvalho de Figueiredo pela parceria cuidadosa e encorajadora, pelas trocas de saberes, pela orientação estratégica, por ter me direcionado para caminhos que acreditamos serem assertivos diante dos contextos que nos deparamos pelo caminho da pesquisa e do trabalho.

Agradeço ao Professor Marcos Alexandre e Professor Luan Queiroz pelas grandes trocas de ensino e aprendizagem e pelas influências de conhecimentos abordados durante o curso da disciplina “Estudos Temáticos de Licenciatura e Outras Artes: (Re)escrita da História e formas de arquivamento em dramaturgias negras contemporâneas”, no segundo semestre de 2022, que reverberaram na minha escrita deste trabalho de conclusão de curso, principalmente no diálogo com Grada Kilomba, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Gê Viana, Yhuri Cruz, e com a dramaturgia “O que não vaza é pele” de Alexandre de Sena.

Agradeço as professoras que apresentaram possíveis referencias de como mediar práticas de ensino e aprendizagem em Teatro e que, com certeza, contribuíram e irão contribuir para as minhas propostas de projetos de poéticas para e com a sala de aula.

E à todas as pessoas que botam fé nos meus corações e nas coisas que me comprometo e que me dedico a propor e agir: muito obrigada!

“Antes de ser vereadora, sou uma ativista que milita pelo direito de existir” (Erika Hilton¹, capa da revista cult, Mar/2021)

¹ Deputada Federal ELEITA por São Paulo. Presidenta da Comissão de Direitos Humanos. A mais votada do BRASIL em 2020.

RESUMO

A proposta deste trabalho é apresentar caminhos possíveis para trabalhar, em sala de aula, práticas teatrais antirracistas, horizontais, aliadas com o universo LGBTQIAPN+, sendo assim, incluindo os marcadores sociais da diferença, raça, gênero, sexualidade e classe, trazendo também para as discussões, as possíveis potências existentes e estratégias para vivermos melhor em comunidade, desejando o fim das desigualdades, violências e garantia de direitos, principalmente para as pessoas dissidentes, que são as que mais sofrem com as estruturas sociais perversas e injustas. Viva o campo progressista! Viva as ações afirmativas! Este Trabalho de Conclusão de Curso é, também, um convite para embarcarmos juntos em um trem flutuante que, em cada estação, foca em vivências da pesquisa, construindo uma organização do pensamento, dialogando com as experiências vivenciadas junte com alunes durante o estágio 3 e a Iniciação Científica, referenciando Grada Kilomba, Conceição Evaristo, Nego Bispo, Sueli Carneiro, bell hooks, Paulo Freire, Gê Viana, Jota Mombaça. E, ao mesmo tempo, propondo um arquivamento de uma parte da memória, uma possível contribuição de conhecimento, vivências e experiências de uma pessoa negre, trans não binárie, artista, professorie de teatro, artivista.

Palavras-chave: pedagogia do teatro; educação antirracista; educação antiLGBTQIAPN+fóbica

ABSTRACT

The purpose of this work is to present possible ways to work, in the classroom, anti-racist, horizontal theatrical practices, allied with the LGBTQIAPN+ universe, thus including the social markers of difference, race, gender, sexuality and class, also bringing to the discussions, possible existing potentials and strategies to live better in the community, wishing for the end of inequalities, violence and the guarantee of rights, especially for dissident people, who are the ones who suffer most from perverse and unjust social structures. Long live the progressive field! Long live affirmative action! This Course Completion Work is also an invitation to embark together on a floating train that, at each station, focuses on research experiences, building an organization of thought, dialoguing with the experiences lived together with students during stage 3 and Scientific Initiation, referencing Grada Kilomba, Conceição Evaristo, Nego Bispo, Sueli Carneiro, bell hooks, Paulo Freire, Gê Viana, Jota Mombaça. And, at the same time, proposing an archiving of a part of memory, a possible contribution of knowledge, experiences and experiences of a black, non-binary trans person, artist, theater teacher, activist.

Keywords: theater pedagogy; anti-racist education; antiLGBTQIAPN+phobic education

Este Trabalho de Conclusão de Curso é dedicado a todas as pessoas dissidentes que tiveram suas vidas interrompidas ou foram boicotadas, apagadas, ignoradas, excluídas, invisibilizadas por serem quem são e não serem o que o outro(branco-cis-heteronormativo-rico) esperava que fossem. É dedicado também às pessoas que foram expulsas do ambiente escolar ou impedidas de permanecerem na escola por questões de raça, sexualidade, gênero, classe ou pelas corporeidades diversas.

Celebro às vidas, saberes e memórias indígenas, negras e LGBTQIAPN+. Celebro com muito orgulho as pessoas de luta e resistência. Celebro com muito orgulho as pessoas que desobedecem às normas pré estabelecidas de gênero e sexualidade.

LAROYE ESÙ

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| TE CONVIDO | 8 |
| INTRODUÇÃO - COMEÇANDO OS TRABALHOS | 9 |
| SEJA BEM VINDE A PRIMEIRA ESTAÇÃO! | 11 |
| A LINGUAGEM PRESENTE NA ESCRITA | 11 |
| SEJA BEM VINDE A SEGUNDA ESTAÇÃO! | 15 |
| SOBRE O QUE É A PESQUISA? | 15 |
| SEJA BEM VINDE A TERCEIRA ESTAÇÃO! | 17 |
| DIÁLOGO COM GRADA KILOMBA SOBRE A MÁSCARA E O DESMASCARAR | 17 |
| SEJA BEM VINDE A QUARTA ESTAÇÃO! | 31 |
| A INICIAÇÃO CIENTÍFICA - SEM TERROR, SEM CAÔ: PRÁTICAS DE TEATRO, SEXUALIDADE E GÊNERO | 31 |
| O ENSINO DE TEATRO JUNTE E MISTURADE COM PENSAMENTOS E AÇÕES PROGRESSISTAS | 32 |
| SEJA BEM VINDE A QUINTA ESTAÇÃO! | 36 |
| PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM COM OS NONOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL | 36 |
| O primeiro encontro com alunes, em sala de aula, das turmas de 9º ano do Ensino Fundamental | 38 |
| O segundo encontro com alunes, em sala de aula, das turmas de 9º ano do Ensino Fundamental. O segundo encontro foi a continuação do primeiro. | 42 |
| SEJA BEM VINDE A SEXTA ESTAÇÃO! | 47 |
| PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM COM OS SÉTIMOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL | 47 |
| SEJA BEM VINDE A SÉTIMA ESTAÇÃO! | 53 |
| DIÁLOGO COM UMA DAS PROPOSTAS DE EXERCÍCIO TEATRAL DO CADERNO DE ATIVIDADES DA ARGENTINA – Como me apropriar de materiais | |

| | |
|---|----|
| didáticos e “desmascarar” o que vem de fora propondo um novo sentido para o que pretendo trabalhar? | 53 |
| SEJA BEM VINDE A OITAVA ESTAÇÃO! | 61 |
| SERÁ O FIM DA PESQUISA? | 61 |
| REFERÊNCIAS | 65 |

TE CONVIDO

É com o coração quente pelando, cheio de desejo, indignação, alegria e esperança, que te convido a desfrutar da playlist criada especialmente para este querido e amado trabalho, em uma viagem em um trem flutuante. As músicas que estão na playlist me acompanharam e influenciaram durante quase todo o período processual de preparação do trabalho e organização da escrita, caminhadas, pausas e danças quando algum pensamento não estava fluindo bem durante a escrita. E eu escolhi não fazer uso da dor, eu escolhi não sofrer na frente da tela do computador. Compartilho com você, que as pausas que escolhi fazer caminhando, dançando, me ajudaram a fluir na escrita, junto com os pensamentos, as referências, as orientações, intuições, conflitos, ansiedades, crises, entendimentos, revisões, atualizações e envios deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Fique à vontade para apertar o play no início desta viagem no nosso trem flutuante. Fique à vontade para pausar, passar de música, dar o play, ouvir a mesma música no modo repetição.

A playlist com as músicas, pode ser acessada através do link:
<https://open.spotify.com/playlist/0IBIvsZMSdbMHHi7901mbh?si=7b9dd81e10a6415f>

(Nome da playlist: -emoji estelar-emoji de samambaia mas poderia ser de arruda- conversa de tcc -emoji de mãos negras juntas e abertas-emoji de planta mas poderia ser espada de Ogum e espada de Yansã-emoji coração preto-emoji coração vermelho (as cores que representam Esù)

INTRODUÇÃO - COMEÇANDO OS TRABALHOS

O objetivo deste trabalho compartilhado aqui através da escrita, não é ser uma verdade absoluta, e sim, propor possíveis diálogos e trabalhos em sala de aula que unem o teatro, práticas teatrais, jogos teatrais, cenas curtas e curtíssimas, junto com vivencias do universo LGBTQIAPN+², negritude,

² Não são apenas letras/siglas. São vidas. São pessoas. São seres humanos. Conheça e respeite!

L = Lésbicas

São mulheres que sentem atração afetiva/sexual pelo mesmo gênero, ou seja, outras mulheres.

G = Gays

São homens que sentem atração afetiva/sexual pelo mesmo gênero, ou seja, outros homens.

B = Bissexuais

Diz respeito aos homens e mulheres que sentem atração afetivo/sexual pelos gêneros masculino e feminino.

Ainda segundo o manifesto, a bissexualidade não tem relação direta com poligamia, promiscuidade, infidelidade ou comportamento sexual inseguro. Esses comportamentos podem ser tidos por quaisquer pessoas, de quaisquer orientações sexuais.

T = Transgênero / Travesti / Não Bináries

Diferentemente das letras anteriores, o T não se refere a uma orientação sexual, mas a identidades de gênero. Também chamadas de “pessoas trans”, elas podem ser transgêneros (homem ou mulher), travesti (identidade feminina) ou pessoa não-binária (que se comprehende além da divisão binária “homem e mulher”, ou seja, não se identifica na binariedade de gênero homem ou mulher)

Q = Queer

Pessoas com o gênero ‘Queer’ são aquelas que transitam entre as noções de gênero, como é o caso das drag queens. A teoria queer defende que a orientação sexual e identidade de gênero não são resultado da funcionalidade biológica, mas de uma construção social.

I = Intersexo

A pessoa intersexo está entre o feminino e o masculino. As suas combinações biológicas e desenvolvimento corporal – cromossomos, genitais, hormônios, etc – não se enquadram na norma binária (masculino ou feminino).

A = Assexual

Assexuais não sentem atração sexual por outras pessoas, independente do gênero. Existem diferentes níveis de assexualidade e é comum essas pessoas não verem as relações sexuais como prioridade.

P = Pansexual

As pessoas pansexuais sentem desejo, afeto, atração e se relacionam sexualmente com outras pessoas, independente da identidade de gênero ou genitália.

N = Pessoas Não Binárias

Antes, pessoas não binárias estavam representadas apenas na letra T, mas nem todas pessoas não binárias se identificam Trans, então, foi acrescentada a letra N para representar pessoas que se identificam Não Binárias.

adentrando em questões raciais e de classe. Pretendo abrir portas e janelas para que assim como eu, pessoas estudantes pesquisadoras professoras artistas, interessadas na temática, possam somar na atuação de educação libertadoras, propondo também nas salas de aulas, estudos teatrais antirracistas que caminham junto com estudos do universo LGBTQIAPN+, negritude e outras questões sociais que poderão surgir a partir do contato com as pessoas estudantes em sala de aula.

Existem estratégias que nós educadores podemos usufruir para combater o racismo e a LGBTQIAPN+fobia nas escolas. Vamos juntos?!

Vamos juntos imaginar e realizar outras possibilidades de experiências vivenciadas no mundo, sem violências?! Por exemplo:

“O BRASIL TEM UM ALTO ÍNDICE DE EMPREGABILIDADE NEGRA, TRANS E TRAVESTI.”

“NO BRASIL, A MAIORIA DE PESSOAS QUE OCUPAM ESPAÇOS DE TOMADAS DE DECISÕES, SÃO INDÍGENAS, NEGRAS, TRANS E TRAVESTIS.”

“O BRASIL RESPEITA EFETIVAMENTE OS DIREITOS HUMANOS, ENTÃO, PESSOAS INDÍGENAS, NEGRAS, LGBTQIAPN+ ESTARÃO NO LUGAR QUE QUISEREM ESTAR.”

“O USO DA LINGUAGEM QUE REPRESENTA PESSOAS NÃO BINÁRIAS FOI OFICIALIZADO NAS ESCOLAS, UNIVERSIDADES, EMPRESAS E TODOS OUTROS ESPAÇOS E DOCUMENTAÇÕES.”

+ = Mais

O símbolo de “mais” no final da sigla aparece para incluir outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo, mas que não aparecem em destaque antes do símbolo.

SEJA BEM VINDE A PRIMEIRA ESTAÇÃO!

A LINGUAGEM PRESENTE NA ESCRITA

Escolhi partir da mesma proposta de Grada Kilomba (2019) em Memorias da Plantação, quando ela reivindica o uso da linguagem feminina em sua escrita para se referir a todas as pessoas, negando o masculino hegemônico. Então, aqui, nesta escrita, vou fazer uso da linguagem não binária alternando com a feminina.

Desde quando eu era criança, na escola pública que eu estudava na época, eu já questionava a escolha do masculino para representar todos. Hoje entendo, a partir dos meus conhecimentos de mundo, que a língua é um espaço de poder dentro de uma sociedade patriarcal falida, mas que existem estratégias que algumas pessoas fazem uso para dar manutenção no sistema branco, machista, patriarcal, opressor e rico.

Concordo com a ideia de que “a língua que se adequa às necessidades das pessoas, às demandas e não o contrário.” As transformações e a atualização da língua são urgentes e necessárias. A sociedade precisa respeitar efetivamente no dia a dia as diversas existências, garantindo direitos que não podem ser excludentes. E a legitimidade e a urgência do uso oficial da linguagem não binária é um direito que precisa ser garantido.

Inclusive, o uso da linguagem não binária³ nas escolas é uma das contribuições para uma educação contra a LGBTQIAPN+fobia. É uma estratégia para evitar possíveis desrespeitos e agressões na maneira de tratamento, principalmente, respeitando as vidas de pessoas que se identificam com a não binariedade de gênero, fazendo, desse modo, o uso da linguagem inclusiva⁴ direta e não direta. Por exemplo: “Todos alunos estão em uma grande roda

³ É uma linguagem que representa pessoas não binárias. Te convido a acessar o “mini guia da linguagem inclusiva” proposta por JUPI77ER: https://docs.google.com/forms/d/1z9DjS48SDhC7e7gXPh2iHK7-ZoUWaFKV7UXqjqiU5NI/viewform?edit_requested=true INSTAGRAM: @jupi77er

⁴ É bastante problemático e questionável o uso da palavra inclusão, porque se precisa incluir, entende que existe uma exclusão. E isso é bastante sério e grave, concorda? Então, o que vocês (pessoas cisgêneras) vão fazer para não precisar nos incluir? (Pois já estaríamos incluídas e não excluídas)

questionando o sistema opressor" (linguagem inclusiva direta). "Todas as pessoas que são estudantes estão em uma grande roda questionando o sistema opressor" (linguagem inclusiva indireta).

Estou cansade hoje. (Linguagem inclusiva direta)

Estou sentindo um cansaço hoje. (Linguagem inclusiva indireta)

Nesta linha de raciocínio, eu tenho evitado e venho propondo exercitar na minha oratória do dia a dia a não marcação de gênero nas palavras para me referir a minha pessoa, sinto que vem acontecendo em relações que não me deixam confortável, então talvez seria um autocuidado para evitar possíveis transfobias. E isso é grave!

A linguagem presente em um cis-tema binário patriarcal e machista é um espaço de poder que beneficia e favorece homens, excluindo e violentando pessoas que não se identificam com o gênero masculino cisheteronormativo.

O dia que estou escrevendo esse parágrafo é terça-feira, dia 25/10/2022, são exatamente 18:05. Antes de eu retornar para a biblioteca do prédio da Escola de Belas Artes da UFMG e dar continuidade no trabalho de conclusão de curso, eu fiz uma pausa para o café e no trajeto para a lanchonete, no corredor do prédio da EBA, no segundo andar, entre os banheiros, encontrei alguns cartazes que questionam algumas violências presentes na nossa sociedade dentro do campo das artes. E o que mais me chamou atenção, diante da nossa discussão sobre linguagem nesta estação do nosso trem flutuante, foi:



Figura 1

“Sem um artigo acompanhando. Qual gênero vem primeiro à mente?”

Não precisa responder agora.

Te convido, querida pessoa que está embarcada no nosso trem flutuante, a me escrever e contar qual gênero veio primeiro à sua mente. Meu arroba é [@_jovimendes](https://twitter.com/_jovimendes).

É uma proposta de exercício interessante, que inclusive, venho percebendo que algumas pessoas já estão propondo nas relações, que é perguntar quais são os pronomes da pessoa. E não, simplesmente, achar que sabe quais são os pronomes da pessoa por uma leitura equivocada e acabar desrespeitando, violentando e mexendo ainda mais com a saúde mental de pessoas trans, trans não bináries, não bináries e travestis.

No meu primeiro dia do estágio 3, dia 20 de abril, na parte da manhã, quando eu entrei na Escola Municipal, lembro que nos primeiros contatos com alguns alunos do Ensino Fundamental, elas me perguntaram quais são meus pronomes. Eu disse: "uai, eu que ia fazer essa pergunta pro cê na nossa primeira aula." E rimos. Logo nos primeiros contatos visuais sinto que já havia alguma relação de identificação.

Então, percebo que os cuidados com as vidas das outras pessoas estão acontecendo em algumas relações, e que seja cada vez mais naturalizado a convivência não violenta e respeitosa em todos os espaços. Evitar a marcação de gênero nas comunicações pode ser uma estratégia assertiva para evitarmos possíveis agressões.

Mas, principalmente e urgente, precisa acontecer a oficialização da linguagem não binária nas escolas, empresas, e outros lugares importantes da nossa sociedade. As nossas vidas trans não binárias precisam, efetivamente, serem respeitadas, e isso inclui a oficialização legal da linguagem não binária.

Avancemos nas conquistas e na resolução de problemas!

Reafirmo: a linguagem presente na escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso é a linguagem que vai alternando na representação de pessoas trans não binárias⁵, não binárias e femininas.

⁵ Os pronomes de pessoas não binárias podem ser elu/delu / ile/dile / ielu/dielu. Mas sugiro: lembre-se sempre de perguntar os nomes e pronomes de tratamentos das pessoas. Avancemos nas relações não violentas e respeitosas! Coragem!

Te pergunto, cisgeneridade⁶: como acabar com a transfobia?

SEJA BEM VINDE A SEGUNDA ESTAÇÃO!

SOBRE O QUE É A PESQUISA?

[...] Se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades. (LOURO, 2014, p.89-90)

A estratégia é, eu-artista-professorie, usufruir da responsabilidade que o ambiente escolar tem na sociedade, e a partir das práticas teatrais em sala de aula, propor questionamentos e tensionamentos das opressões e desigualdades que nos atingem e, com isso, sonharmos juntos um outro tipo de sociedade, livre de violências. Junto disso, proponho aqui nesta escrita-trabalho-arquivamento relatar passagens do processo da pesquisa em cada estação, durante uma viagem em um trem flutuante, mas não se engane querida pessoa que está embarcando, este trem flutuante não tem nenhuma ligação com aquelas empresas criminosas de Minas Gerais, sabe?! E não transportamos aqui nenhum garimpo, nenhuma destruição ambiental, nenhum sangue e morte de pessoas pelos rompimentos de barragens⁷ e outros crimes ambientais, que contribuíram com a destruição de rios, cachoeiras, Serra do Curral em Belo Horizonte (MG), casas, moradias e desequilíbrio ambiental. É uma viagem convite

⁶ Pessoas cisgêneras são pessoas que estão de acordo com o gênero que foi designado ao nascimento, e que são também, as mesmas pessoas que inventaram a transfobia.

⁷ Te convido, querida pessoa que está nesta viagem em um trem flutuante junte comigo e tantas outras pessoas, a assistir ao filme documentário “LAVRA”, a ler o livro “Ideias para adiar o fim do mundo” de Ailton Krenak e a acessar trabalhos artísticos de Jaider Esbell.

para que não sejamos ignorantes e para transformarmos nossa indignação em ação. Aqui neste trabalho escrito, você pessoa que está embarcando, terá acesso a partes dos movimentos de ações políticas, teóricas, metodológicas e práticas da pesquisa. É importante pontuar isso, porque continuamos em movimento, e a pesquisa também. Lembrando que é um convite e que você pode abandonar a viagem a qualquer momento, sinta se a vontade para embarcar e desembarcar, quantas vezes quiser, dar play e pausar as músicas da playlist, quantas vezes quiser.

Somos livres⁸ e não somos obrigades a nada.

⁸ Em um sistema capitalista, a afirmação “somos livres” pode ser questionada e problematizada, assim como o sistema capitalista também pode ser questionado e problematizado. Estejamos atentes!

SEJA BEM VINDE A TERCEIRA ESTAÇÃO!

DIÁLOGO COM GRADA KILOMBA SOBRE A MÁSCARA E O DESMASCARAR

“Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político” (KILOMBA, 2019, p.28)

Grada Kilomba (2019), no capítulo A Máscara, no livro Memórias da Plantação, propõe uma linha de raciocínio a partir da máscara imposta violentamente à Anastácia em um contexto escravocrata, para denunciar que ainda hoje, a máscara continua presente em várias situações e contextos sociais; uma máscara simbólica, mas que opera dando manutenção no racismo estrutural, nas opressões e tentativas de silenciamentos, apagamentos. Então, Kilomba propõe também o ato de desmascarar, e assim, podemos pensar em atualizações de acontecimentos que nos violentam.

No nosso contexto de Brasis, especificamente um Brasil triste e doloroso, consequente de invasão, genocídios, colonização, ditadura militar, existe um sistema racista que faz operar várias máscaras simbolicamente e existem movimentos que resistem e lutam na tentativa de romper com as máscaras impostas, e a desobediência de gênero e sexualidade é uma das maneiras de desmascarar, assumir o seu verdadeiro eu, negando o que foi imposto.

Durante essa escrita irei analisar o meu processo de desmascaramento que vem de vivencias traumáticas, também vividas ao longo de minha trajetória escolar. Por muito tempo neguei minha negritude. Por muito tempo eu neguei meu gênero, sexualidade e classe. Porque, de algum jeito, naquela época, em alguma parte dos anos 2000, chegou até mim que não era bonito e era perigoso ser negro, do cabelo crespo, cacheado, ser LGBTQIAPN+, pobre, favelado. E, infelizmente, eu senti na pele a dor das agressões e processos estéticos dentro de um movimento branco, racista e LGBTQIAPN+fóbico. O meu processo de entendimento, aceitação e empoderamento foi lento e doloroso, mas aconteceu graças aos acessos às informações, diálogos e contatos com pessoas negras e trans não bináries. Foi um processo de empoderamento, aceitação e orgulho a

partir das representatividades e referências e identificações com outras pessoas negras e LGBTQIAPN+. Sinto que estou caminhando na estrada de possíveis desmascaramentos, aliados com a Educação, campo progressista e ações afirmativas. Assim como abriram caminhos para que eu possa usufruir de desmascaramentos e me expressar no mundo sem temer, quero continuar abrindo caminhos e cuidando para os que já estão abertos não sejam fechados, para que as pessoas que estão chegando, possam também gozar de desmascaramentos. A ideia é que não exista máscara para não precisar desmascarar. Mas enquanto houver máscara, haverá desmascaramento.

Sinto que é a mesma ideia de que “se fere a minha existência, sou resistência”

Você, cara pessoa que está nesta viagem, sente que tem máscaras sendo impostas a você? Estão tentando te silenciar?

Proponho cuidarmos de acervos, arquivamentos de vivencias, saberes e memórias dissidentes, para que não nos apaguem mais, não nos silenciem mais. Sinto que é uma das estratégias de permanecermos vivas, sendo sementes e floescendo, como diz Conceição Evaristo (2015): “Eles combinaram de nos matar, mas a gente combinamos de não morrer”; e Jota Mombaça

Eles virão para nos matar, porque não sabem que somos imorríveis. Não sabem que nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras. Sim, eles nos despedaçarão, porque não sabem que, uma vez aos pedaços, nós nos espalharemos. Não como povo, mas como peste: no cerne mesmo do mundo, e contra ele. (MOMBAÇA, 2017)

Marielle Franco⁹ presente, hoje e sempre!

JUVENTUDES

NEGRAS

VIVAS E

LIVRES!

⁹ (1979-2018) Vereadora, defensora dos Direitos Humanos e das maiorias minorizadas pelo sistema, covardemente assassinada no dia 14 de março de 2018, no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Quem mandou matar Marielle e por que?

PESSOAS
DISSIDENTES
VIVAS E
LIVRES!

Saberes e potências indígenas, negras e LGBTQIAPN+, presentes, hoje e sempre!

Por que algumas mortes geram comoção nacional e outras não?

Por que pessoas morrem diariamente por serem quem são?

Eles combinaram de nos matar, mas a gente combinamos de não morrer é a representação icônica da herança colonial e das distorções sociais que implementaram desigualdades na sociedade brasileira. É a síntese do confronto, da transgressão, da desobediência, sobretudo, neste contexto em que vivemos um movimento de restaurações das estruturas reacionárias no panorama das políticas nacionais e que assistimos à implementação de estratégias de regulações sociais autoritárias e violentas. O ato de combinar de não morrer, convocado por Conceição Evaristo (2015), representa um gesto de resistência em favor da vida, uma política que se dá na própria existência, apesar do recrudescimento das desigualdades, das injustiças e das opressões sociais, do desmonte de políticas públicas direcionadas para as populações mais vulneráveis e marginalizadas e dos modos a partir dos quais o avanço da extrema-direita e do conservadorismo no país se alinham a uma lógica de produção predatória que não considera a importância e a dignidade da vida, sobretudo, das vidas pretas e periféricas. (OLIVEIRA, 2020)

Para quem é interessante apagar as memórias e registros de pessoas dissidentes?

Para quem é interessante publicar e vender apenas o olhar do colonizador sobre períodos históricos traumáticos?

Existe um movimento, um conceito que Sueli Carneiro (2005) revisita, como denuncia e alerta, chamado de *epistemicídio* que é quando um saber dissidente é apagado, um saber que não é hegemônico, ou seja, um saber indígena e negro é apagado, invisibilizado. É um ato violento que está bastante

ligado com o que Kilomba (2019) nos alerta em relação aos mecanismos de mascaramentos sociais, quando ela afirma no livro *Memórias da Plantação* que a colonialidade é atemporal, pois quem continua se beneficiando do *epistemicídio*? Quem continua criando estratégias para não perder os privilégios? É por esses e outros mecanismos racistas que os saberes e produções negras e indígenas são, muitas vezes, questionados por pessoas brancas que estão em lugares de poder, lugares de tomadas de decisões.

Infelizmente, o *epistemicídio* está muito ligado às práticas de *genocídios* das populações indígenas e negras, por serem ações violentas pensadas, articuladas e propositais de extermínios.

Estejamos atentes.

C O R A G E M !

Como, em nossas práticas antirracistas de trocas de ensino e aprendizagem, podemos lutar contra o *epistemicídio*?

Para quem é interessante que permaneçamos com máscaras? Sem usufruir do poder da fala, impedindo possíveis reivindicações de direitos, denunciando problemáticas sociais?

Para quem é interessante que não ocupemos lugares de tomadas de decisões?

Para quem é interessante não investir em uma educação libertadora? Pensando que, se não acontece uma educação libertadora, o sonho do oprimido, é tornar o opressor (FREIRE, 2005)

Para quem é interessante não investir em cultura?

Para quem é interessante que não saibamos dos nossos direitos?

Para quem é interessante que não saibamos quem realmente é nosso aliado na garantia de direitos e na luta por direitos?

E nas minhas propostas em sala de aula com as práticas teatrais, planejo continuar tencionando esses pontos.

Então, para quem interessa acabar com a disciplina de Arte?

Para quem interessa nos silenciar?

Quem são as pessoas que fogem de pagar pelos crimes que cometeram?

Te pergunto, novamente:

Por que algumas mortes geram comoção nacional e outras não? Por que algumas pessoas são enterradas dignamente e outras pessoas assassinadas não são nem encontradas ou identificadas?

Por que nós já nascemos mira das “balas perdidas”?

Quando eu digo nós, somos nós, pessoas dissidentes. Pessoas indígenas, pretas, LGBTQIAPN+, pcd's, neurodiversas, gordas, periféricas, faveladas.

E os avanços estão acontecendo, a passos lentos, mas estão acontecendo porque têm pessoas reivindicando direitos, tem lideranças indígenas, tem pessoas pretas, LGBTQIAPN+, ocupando espaços de poder na política, nas escolas, na rede televisiva e nas mídias sociais, lugares de tomadas de decisões. Então, consequentemente, o desmascaramento acontece efetivamente, com muita luta e resistência. Existem produções sendo propostas e produzidas por pessoas negras, e quando isso acontece, é muito importante, porque não é o branco falando de questões negras que ele arrisca defender que é o certo. Recuperando o pensamento e ação de Kilomba que “Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político” (KILOMBA, 2019, p.28)

E é justo quando se trata de negritude, não ter só uma pessoa negra na produção, é necessário ter 100% da equipe negra nas tomadas de decisões, podendo representar diversas vivencias negras. Inclusive, é um movimento antirracista afim também de evitar agressões e constrangimentos que vem de pessoas brancas, da branquitude.

Nós, pessoas dissidentes, somos múltiplas, somos muitas, somos diversas e não viemos ao mundo no mesmo tempo. Logo, não partilhamos dos mesmos conhecimentos de mundo, desejos, referências, vivências. Mesmo que, às vezes, possamos nos encontrar em alguma identificação de trauma ou algo positivo em nossas vidas, mas continuaremos sendo diferentes, cada uma com sua particularidade dentro do coletivo, da comunidade, da sociedade.

Inclusive, se estou hoje propondo um Trabalho de Conclusão de Curso com a temática que vivo e defendo, é porque tiveram pessoas que vieram antes de mim, lutando muito para que hoje eu possa estar escancarando legitimamente esta escrita e outros trabalhos que propus e que ainda irei propor. Ou seja, é algo relacionado não só a mim, mas sim, a todo um coletivo social. São diversas bandeiras. Qual é sua bandeira? Ou quais são suas bandeiras? Não somos apenas uma coisa.

Em contrapartida, existem vivencias que foram interrompidas por uma estrutura, um “cis-tema” opressor que busca silenciar e apagar também pessoas que desobedecem às normas de gênero e sexualidade impostas. Então, é com orgulho, que eu convoco a continuarmos desobedecendo ao que nos foi imposto antes mesmo de nascermos, sem máscaras.

É tempo de celebrar e de reivindicar.

Quais são suas referências negras e LGBTQIAPN+?

Quem foram suas professoras negras e LGBTQIAPN+?

Quem são suas professoras negras e LGBTQIAPN+?

Quem são as pessoas negras e LGBTQIAPN+ que estão no seu convívio?

E infelizmente, uma das máscaras sociais simbólicas operam na exclusão, expulsão, de muitas pessoas negras e LGBTQIAPN+ das escolas. Muitas vezes, as violências, bullying, e dificuldades de acesso são muitas, que impedem a continuidade nos estudos. E como as escolas podem trabalhar para evitar esse tipo de evasão escolar?

Em junho de 2021, no mês do orgulho LGBTQIA+, Emy Lobo escreveu para o site futura:

“A falta de preparo para lidar com a diversidade de gênero e sexual, muitas vezes faz com que a escola se torne um ambiente hostil para estudantes. O cotidiano escolar pode se tornar fonte de sofrimento diário para estudantes que sofrem humilhações diárias, que muitas vezes corroboram para uma visão negativa da escola, faltas, fracassos escolares e abandono da escola.

Pesquisas revelam que a população LGBTQIA+ é uma das mais vulneráveis a entrar nas estatísticas de evasão escolar. Uma pesquisa realizada em 2016 pelo presidente da Comissão da Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), o defensor público João Paulo Carvalho Dias, estima que no Brasil 82% das pessoas trans e travestis tenham abandonado os estudos ainda na Educação Básica (disponível em: <https://abglt.org.br/wp-content/uploads/2020/05/IAE-Brasil.pdf>)

De acordo com a Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2016¹, 60,2% dos estudantes se sentem inseguros no espaço escolar por causa de sua orientação sexual e 40,8% pela maneira como expressam seu gênero. Realizado pela Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT, o estudo ainda aponta que 64% dos estudantes afirmam que não existe ou desconhecem mecanismos de denúncia ou acolhimento de estudantes LGBTQIA+ no regulamento da escola.

‘A gente precisa esclarecer que não existe evasão escolar e sim ‘expulsão’. Ninguém consegue aguentar um ambiente que é violento e que permite essa violência todos os dias’, afirma membro e influencer da

Comunidade LGBTQIA+ que participou da pesquisa LGBTQIA+ | Invasão de Cenários 2019, realizada pelo Google e Box 1824.

De acordo com a pesquisa, o ciclo de exclusão começa na família, continua na escola e tem consequências na vida profissional, saúde e política, culminando em violência.”¹⁰

Durante a minha experiência de estágio na rede pública de ensino, realizado no primeiro semestre de 2022, eu quase fiz uso de uma máscara para retornar ao armário para evitar uma possível agressão, mas escolhi não fazer mais uso de tal repressão, pois seria um desserviço para uma possível troca de ensino e aprendizagem entre eu, alunas e um aluno. Era final de uma aula com uma das turmas de 8º ano do ensino fundamental, na parte da manhã. Tinham poucos alunos na sala, eu estava no fundo da mesma conversando com um dos grupos sobre a atividade que tínhamos acabado de vivenciar em sala de aula. A atividade era cada grupo propor uma imagem corporal coletiva sobre alguma situação do cotidiano. Foi dado um tempo para que todos observassem as imagens e depois o grupo iria propor uma alteração na imagem corporal coletiva e iríamos apontar o que estava diferente da primeira imagem e dialogarmos. Durante as experiências, eu apresentava os conteúdos teatrais.

Então, voltando para a parte em que eu estava conversando com as três alunas e um aluno, esse mesmo aluno me pergunta: “você é gay, professor?” Eu não havia sentido um tom violento na pergunta, mas sim uma curiosidade. Eu respondi “que sou uma pessoa pansexual e que a minha sexualidade não influencia na nossa relação de professor e aluno”, mas ele respondeu dizendo que “gosto de gays longe de mim, não gosto que vem de boiagem pro meu lado. Minha mãe tem amigos gays, mas não gosto deles.” Eu disse que precisamos respeitar as pessoas, todas as pessoas, indígenas, pretas, LGBTQIAPN+, pcd’s, gordas, faveladas. As três alunas concordaram. Fui conversar com os outros grupos e no corredor, quando eu e o professor supervisor do estágio estávamos fechando a sala, o aluno agressor veio me pedir

¹⁰ Fonte: <https://www.futura.org.br/no-dia-internacional-do-orgulho-lgbtqia-veja-a-importancia-da-diversidade-na-educacao/>

desculpas, reconhecendo o erro. Tudo bem, achei que o assunto já estava encerrado, mas nos corredores, e em outros momentos das horas de trabalho na escola, vieram alunas me abraçar dizendo “estamos com você professora” “como você está?” “Desculpa pelo que aconteceu. Sinto muito” “ele não devia ter feito aquilo”. Eu fiquei sem entender, agradeci, e depois que me toquei que elas estavam se referindo ao caso de LGBTQIAPN+fobia. Não sei como, mas toda a escola ficou sabendo e alunes, alunas e alunos se revoltaram, se indignaram e foram até o aluno agressor. Algumas alunas disseram que gritaram com ele, que bateram nele e que se fosse no meio da favela ele havia levado um tiro. Cuidado, pessoas agressoras, as violências não estão passando mais. Não passarão!

Sou contra violência, mas sou a favor de que os agressores aprendam a lição de algum jeito e que deixem de ser pessoas que violentam outras pessoas, mesmo por que tem agressores que sentem prazer em violentar. Eu ia dizer que a situação fugiu do meu controle, apesar de nunca ter estado no meu controle, porque não é uma luta só minha, é uma luta coletiva. É de fato, a luta de uma comunidade, de diversas pessoas que se encontram e se identificam com algum processo traumático parecido. Somos pessoas diferentes, mas algumas situações vividas podem ser iguais ou parecidas. E falando de processos traumáticos, principalmente àqueles vivenciados por pessoas dissidentes.

Repto: sou contra violências! Então, como lidar com um conflito em um ambiente escolar sem continuar agindo violentamente? Como, nós professoras de Arte, podemos mobilizar uma discussão sobre a não violência a partir de experiências artísticas? Existe uma proposta teatral que chama Teatro Fórum, é uma das modalidades do Teatro do Oprimido¹¹, introduzido por Augusto Boal durante a década de 70. Que pode ser uma das possibilidades artísticas para lidarmos com a experiência traumática relatada a cima durante uma parte do movimento no meu estágio. O Teatro Fórum pode ser experienciado da seguinte maneira: Não existe palco e plateia, estaremos todos em cena. A cena conflituosa é apresentada e as pessoas atuadoras podem interferir na cena, propondo ações cênicas com o objetivo de resolver o conflito de um jeito que não seja reproduzir a violência apresentada.

¹¹ Sugiro acessar o trabalho de Abdias Nascimento: Teatro Carcerário
E a proposta de Dodi Leal: Teatra da Oprimida

Ou seja, podemos usufruir de propostas e práticas teatrais na mediação e resolução de conflitos no ambiente escolar. Isso diz muito sobre uma escuta ativa sensível para estarmos atentas às demandas e acontecimentos do contexto que estaremos vivenciando no processo formativo e profissional da docência, nas possíveis trocas com discentes. Isso diz muito sobre o não enrijecimento de propostas metodológicas (poéticas), no sentido, de estarmos disponíveis para a elaboração e atualização de planejamentos de aulas (sequencias para criações) a partir do que o contexto nos apresenta, a partir do que o contexto grita¹².

Acredito que quando a educação libertadora acontece efetivamente, quebra a intenção e o desejo de estar por cima das outras pessoas, de ser o maioral, quebra o ciclo de violências que vem de um processo de colonização¹³. E de fato, se não acontece uma educação libertadora, o sonho do oprimido, é tornar o opressor (FREIRE, 2005). É pensando e agindo também sobre acolhimento e a não exclusão de pessoas no ambiente escolar.

Você já viu alguém sofrendo LGBTQIAPN+fobia? E o que você fez?

Você já viu alguém sofrendo racismo? E o que você fez?

Racismo e LGBTQIAPN+fobia é crime. Cuidado, agressores.

Em Belo Horizonte, que é o contexto que estou inserida, existe o Centro de Referência LGBTQIAPN+. Se você que está lendo esse texto e não for de Belo Horizonte, me escreva informando se na sua cidade tem ou não um Centro de Referência LGBTQIAPN+, e se você for de Belo Horizonte, me escreva dizendo que já conhecia ou não o Centro de Referência LGBTQIAPN+, vou amar saber: @_jovimendes

¹² Professor Vinícius Lírio propõe esse entendimento no trabalho e exercício sobre Poética para e com a sala de aula.

¹³ Dentro deste raciocínio e de mais um possível diálogo, Eli Nunes, que esteve presente junto com Luan Queiroz na banca avaliadora deste trabalho, sugeriu de eu acessar e ter contato com a produção "Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!", de Jota Mombaça. Então, vamos juntas nesta produção de conhecimento, que potencializará a discussão e possíveis avanços?!

https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuic_a_o_da_v

No site <https://prefeitura.pbh.gov.br/smasac/sudc/equipamentos/crlgbt>, da Prefeitura de Belo Horizonte, que foi atualizado em 28/06/2022, está informando:

Quando procurar o CRLGBT (Centro de Referência LGBTQIAPN+)?

Quando seus direitos não forem respeitados por compor a população LGBT;

Para buscar orientações e informações sobre direitos, serviços e assistência;

Para buscar orientação e apoio quando for vítima de LGBTfobia;

Para buscar orientações sobre o direito à saúde integral e processo transexualizador;

Para buscar informações sobre inserção e reinserção escolar;

Para buscar orientações sobre como ter o gênero e o nome de registro retificado e garantir que o seu nome social seja respeitado em todos os lugares;

Para verificar oportunidades de cursos profissionalizantes e no mercado de trabalho;

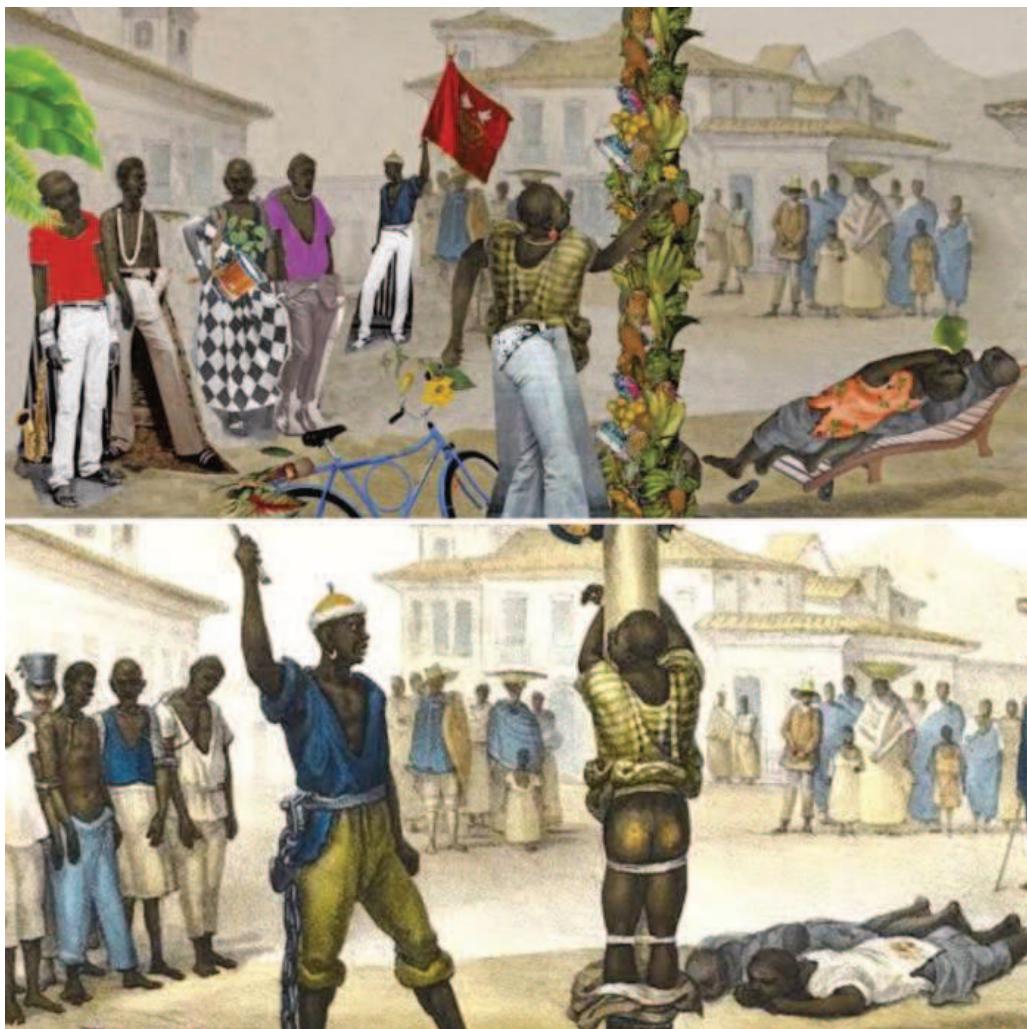
Para buscar informações sobre o direito à cultura e ao lazer; Para buscar orientações sobre o direito de constituir família.

Avançando mais um pouco na discussão e propostas de desmascarar

Existem artistas que estão propondo possíveis atualizações de processos traumáticos, com o objetivo de desmascarar e reivindicar a retirada de existir apenas o olhar do colonizador, do opressor, do estrangeiro sobre nossas corpos e corpos dissidentes. A artista maranhense Gê Viana¹⁴ vem propondo trabalhos artísticos incríveis sobre as possíveis atualizações de processos traumáticos, levando em consideração, os vários anos de silenciamento e apagamento de vidas, de saberes e de memórias negras.

¹⁴ Gê Viana cresceu imersa em sua ancestralidade indígena e afro-brasileira. Ancestralidade que se faz presente em sua trajetória artística, tornando o fio condutor de todo o processo. Em suas questões identitárias, a artista investiga também questões de gênero e sexualidade humana. Instigada por acontecimentos do seu cotidiano em confronto com a cultura colonizadora hegemônica, a artista busca enfatizar a expressão artística decolonial através do uso de imagens e fotografias de arquivo para a criação de fotomontagens e intervenções em áreas urbanas e rurais.

É difícil escolher apenas um trabalho artístico de Gê Viana, porque eu admiro todos eles. Mas para exemplificar sobre a atualização de um processo traumático em um movimento de desmascaramento, irei inserir aqui o deslocamento entre a obra de Debret e Gê Viana.



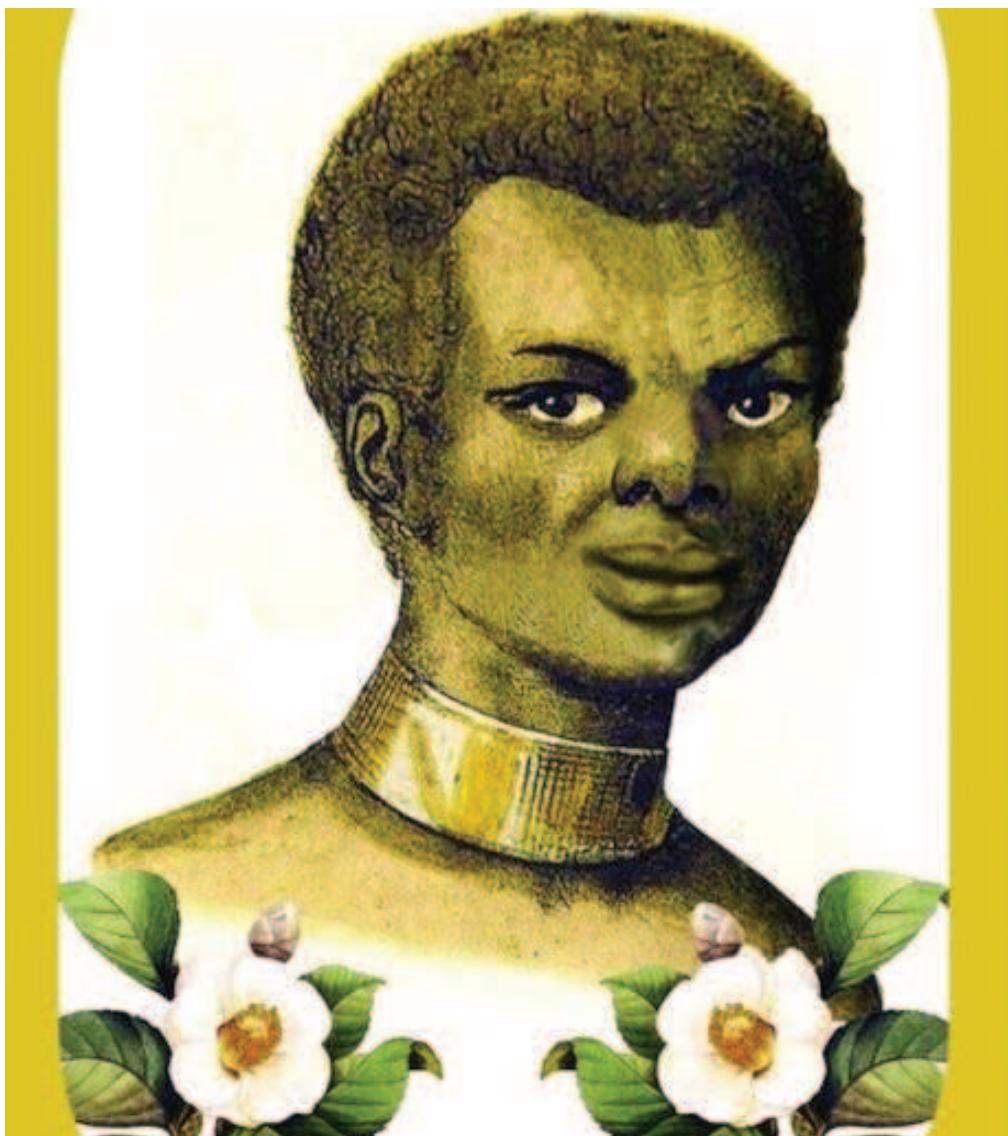
(série) Atualizações traumáticas de Debret Levantamento do Mastro. Festa do Divino Espírito Santo, Gê Viana (2020), Colagem digital.

Releitura da obra Aplicação do Castigo do Açoite, de Debret (c. 1824).

Debret apresenta pessoas negras totalmente desumanizadas, em situação de extrema violência, servidão, sofrimento, presas, mascaradas, escravizadas.

Gê Viana apresenta pessoas negras humanizadas, livres de violências, em uma situação festiva, de celebração, fartura, em comunhão.

O artista Yhuri Cruz também propõe uma atualização de um processo traumático, quando apresenta sua obra “Anastácia Livre”. Anastácia finalmente livre, humanizada, sem a máscara.



Obra “Anastácia Livre”, do artista Yhuri Cruz | Foto: Divulgação

Linn da Quebrada entrou no BBB22 usando uma camisa com a obra de Yhuri “Anastácia Livre” e uma das habilidades artísticas pedagógicas que pode ser apresentada como proposta para ampliar o repertório das pessoas estudantes, é a capacidade de fazer possíveis leituras de imagens. Então, qual

leitura podemos fazer de Linn da Quebrada entrando em um programa de televisão com grande alcance, usando uma camisa linda e grande de Anastácia Livre? O que essa ação representa? Tendo em vista que Linn da Quebrada é uma corpa que algumas pessoas tentam silenciar e mascarar. Percebo que isso faz muito sentido, pensando nas perspectivas e propostas de criações de outros imaginários e outras possibilidades de vivencias coletivas com pessoas dissidentes, que sejam respeitosas, livres de violências, usufruindo verdadeiramente e efetivamente dos direitos humanos.

Inclusive, os questionamentos e indignações presentes neste Trabalho de Conclusão de Curso, podem ser norteadores, impulsos criativos, dispositivos para encontrar possíveis temáticas para trabalhar junte com alunes, e podem ser também para mediar um processo de criação para e com a sala de aula, dentro de possíveis *projetos de poéticas*, pensados no contexto que nós professories artistas estaremos inserides.

Então, como nós, artistas professories de teatro inseridas no campo das artes com propostas e ações pedagógicas, podemos atualizar o olhar do outro(opressor) em sala de aula, em um processo de contracolonizar (Nego Bispo)? Mas quem é esse outro? O outro que não é dissidente, ou seja, não é negre, indígena, LGBTQIAPN+, gorda, periférica, favelada, pcd. Mas que é esse outro que fala sobre nós, através de uma ótica, que nos lê, na maioria das vezes, como sujeitos desumanizados, monstras, abjetas, erradas, em situações de violências, servidão e vulnerabilidades.

Principalmente, como atualizar o olhar daquele que nos violenta, sem sermos opressories, autoritárias e pessoas que violenta?

Te pergunto, branquitude¹⁵: como acabar com o racismo?

Te pergunto, cisgeneridade: como acabar com a transfobia?

¹⁵ Te convido, pessoa branca, a se racializar e a se conscientizar sobre branquitude, e que não é por acaso que está totalmente ligado ao racismo.

SEJA BEM VINDE A QUARTA ESTAÇÃO!

A INICIAÇÃO CIENTÍFICA - SEM TERROR, SEM CAÔ: PRÁTICAS DE TEATRO, SEXUALIDADE E GÊNERO

O projeto de pesquisa **Teatro e equidade de gênero na escola – Sem Terror, Sem Caô: Práticas de Teatro, Sexualidade e Gênero** foi apresentado e aprovado à Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG pelo professor Ricardo Carvalho de Figueiredo, orientador deste TCC, aconteceu de setembro de 2021 a agosto de 2022. Eu fui a estudante bolsista pesquisadora selecionada para participar desta Iniciação Científica (IC). A pesquisa iniciou a partir de um mapeamento de práticas exitosas que envolvem o teatro na escola e possíveis recortes do universo LGBTQIAPN+. Deste levantamento, encontramos dois trabalhos acadêmicos, juntamente com o material de estudos entre o teatro, gênero e sexualidade da Argentina. Após esses estudos, propus um projeto com planejamento de aulas para ser desenvolvido em uma escola pública, por acreditar na educação de qualidade, antirracista, antilgbt+fóbica, anticapacista, emancipatória, decolonial, contra colonizadora, gratuita e para todos. Ao encontrar uma escola pública e nos reunirmos com a direção da instituição, além de aceitar a proposta, a direção se mostrou sensível e estimulou, no que pode, a participação da comunidade escolar. A ação prática teve grande período de negociação com a escola. Foi solicitado que o projeto passasse pelo Núcleo de gênero e sexualidade da Secretaria Municipal de Educação (SMED) da PBH, que nos recomendou alguns cuidados com a temática - tão delicada em tempos de governo de direita radical e conservadora. O planejamento de aulas do projeto partiu das minhas vivencias enquanto uma pessoa artista-pesquisadora-não-binária, junto com os estudos relacionados ao teatro e ao universo LGBTQIAPN+ dentro e fora da UFMG. Os materiais de estudos que estiveram presentes durante a Iniciação Científica vieram compor as práticas teatrais em sala de aula, incluindo discussões como trans fake, os danos causados pela cis-heteronormatividade nas pessoas que escapam das tentativas de regulações de gênero em nossa sociedade, provocando alunos a questionarem e criticarem sobre as opressões que nos atacam, não somente às

pessoas LGBTQIAPN+, mas também às pessoas pretas, indígenas, periféricas, com deficiência.

O teatro, nessa perspectiva, auxilia não só a descoberta sobre si, mas também pode potencializar o sujeite a empoderar-se e se apresentar como quem verdadeiramente é. Para sensibilizar os estudantes para conhicerem sobre o que iríamos propor, realizamos uma oficina-convite com estudantes dos nonos anos do ensino fundamental. Dessa experiência, apenas quatro estudantes se mostraram interessadas a realizar a oficina no contraturno, já que no horário de aula não seria possível. Com os desdobramentos e a dificuldade na participação, a oficina prática não ocorreu. Por fim, destacamos que essa é uma pesquisa que diz não apenas sobre mim, mas das pessoas LGBTQIAPN+ que vieram antes de mim, das que estão em movimento e das que ainda virão. É sobre transformar a minha revolta e indignação em luta, e lutar também, através da minha profissionalização como professorie de teatro da rede pública de ensino, propondo uma educação libertadora, emancipatória, transgressora, respeitando a bagagem sociocultural de todos que compõe o processo de ensino e aprendizagem. Se a experiência prática ainda não pode ser desenvolvida pelo contingente apresentado, sabemos que a temática é urgente para ser discutida com jovens em nossa sociedade atual.

O ENSINO DE TEATRO JUNTE E MISTURADE COM PENSAMENTOS E AÇÕES PROGRESSISTAS

A investigação teve início com a revisão bibliográfica em pesquisas de práticas exitosas que propõem os estudos do teatro junto com os estudos dos recortes do universo LGBTQIAPN+ para e na sala de aula. Foram focos de estudos, a pesquisa de Joyce Chaimsohn (2018) intitulada “Encenando gênero em espaço de confiança: experiências pedagógicas e teatrais com adolescentes” e os cadernos de atividades sobre teatro, gênero e sexualidade da Argentina “Recurso Artístico”. Em linhas gerais, os materiais estudados trazem o respeito à diversidade e as práticas teatrais em diálogo com as noções de gênero e sexualidade. Como a IC aconteceu concomitantemente com a disciplina de estágio curricular obrigatório da licenciatura, foi proposto um projeto de poética

para a Escola Municipal Governador Carlos Lacerda, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Nesse sentido, a pesquisa contribuiu com as minhas propostas em sala de aula junto com alunes, dentro de um plano teórico-prático metodológico que respeita o contexto sociocultural “respeitando a bagagem sociocultural, levando em consideração que eles são seres pensantes, questionadores, críticos e sujeitos ativos e conscientes do território em que vivem” (MIZUKAMI, 1992, p.42) de todos e que leva em consideração a autonomia e as possíveis contribuições que os próprios alunes podem ter durante o processo de troca de ensino e aprendizagem em Teatro.

Em Paulo Freire (1996) buscamos a aproximação com os estudantes, por entendermos que são seres humanos únicos, de procedências diferentes e com caráter, cultura e história específicas. A concepção com a qual trabalhamos na IC pressupôs que as pessoas são todas diferentes e essa particularidade também se expressou na forma de como cada ser humano pensa, sente, acredita, age e vive sua sexualidade, tornando-o um ser único. O respeito à diversidade implica assumir uma atitude que vai além da ideia de tolerância. “Aguento o outro e suas escolhas porque não tenho alternativa”, ou seja, significa assumir que todas as pessoas são diferentes e iguais em direitos.

O ensino do teatro aliado à temática de gênero e sexualidade na escola se mostrou potente para discutir e desmistificar os temas, além de olhar para outros descriptores, tais como: pertencimento étnico, crenças religiosas, política, idade, status social, orientação identidade sexual e de gênero, entre outros. As práticas teatrais que envolvem jogos de sensibilização, autoconhecimento, troca de papéis sociais foram experimentadas e possibilitaram que os estudantes envolvidos participassem da reelaboração de temas a partir de improvisações teatrais, trazendo o protagonismo necessário da juventude para o debate.

Existiu o foco em organizar os objetivos que estiveram presentes durante o processo da pesquisa: mapear possíveis práticas exitosas que envolva os estudos de teatro junto com os estudos do universo LGBTQIAPN+ em sala de aula; Identificar nos trabalhos mapeados, propostas de ensino e aprendizagem em teatro junto com o universo LGBTQIAPN+; Identificar qual foi o planejamento

prático metodológico da proposta de ensino e aprendizagem em teatro com o universo LGBTQIAPN+; Identificar qual foi o caminho estratégico para abordar questões do universo LGBTQIAPN+ a partir dos estudos teatrais; Identificar os possíveis desdobramentos das propostas de ensino e aprendizagem em sala de aula junto com alunes sobre os estudos teatrais e universo LGBTQIAPN+; Mapear escolas públicas da comunidade onde resido e entorno; Entrar em contato com as escolas públicas mapeadas; Propor um projeto de poética sobre o teatro e o universo LGBTQIAPN+ inspirado nas pesquisas; Desenvolver o projeto de poética na escola pública; Avaliar o projeto e a prática do projeto de poética na escola pública.

Acreditamos em um processo metodológico que consistiu em reuniões quinzenais, que foram discutidos materiais eleitos para a pesquisa: Cadernos de Atividades da Argentina com propostas de exercícios teatrais que envolvem o teatro junto com gênero e sexualidade, e o trabalho acadêmico “Encenando gênero em espaço de confiança: experiências pedagógicas e teatrais com adolescentes” da Joyce Sangolete Chaimsohn. Deu-se ênfase para as práticas de ensino e aprendizagem em teatro junto com questões do universo LGBTQIAPN+. Após o processo de conhecimento das práticas exitosas, propus um projeto de poética para uma escola com o objetivo de eu ter vivencias em: escrita de projeto; planejamento de aulas; práticas em sala de aula atuando como professor de teatro. Houve a escrita do projeto para intervenção em uma escola pública; o mapeamento de escolas para o desenvolvimento da proposta; a negociação com a escola para a realização do projeto; reunião com a equipe da Secretaria Municipal de Educação de BH que coordena assuntos sobre gênero e diversidade na escola; aula experimental junto dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental para apresentação da proposta; aproximação com Centro Cultural próximo à escola para oferta do projeto naquele espaço; formulário de inscrição online e impresso explicando o projeto SEM TERROR, SEM CAÔ para as pessoas responsáveis e solicitando a autorização. Elaboração do plano de trabalho para os meses de proposta do projeto, levando em consideração o público adolescente. Elaboração de visitas à escola e ao

Centro Cultural. Elaboração de relatório final da IC e elaboração do material a ser apresentado na Semana de Iniciação Científica da UFMG.

Juntes e misturades, chegamos nos seguintes resultados e discussões: O processo de pesquisa da Iniciação Científica contribuiu para a ampliação dos meus conhecimentos a respeito dos estudos de teatro caminhando junto com os estudos de possíveis recortes do universo LGBTQIAPN+ na sala de aula junto com alunes, respeitando a bagagem sociocultural de todos, podendo ampliar o nosso vocabulário, conscientizar sobre direitos, acessar e conhecer outras possibilidades de existir no mundo além da cis-heteronormatividade, potencializando uma educação antilgbt+fóbica, abarcando também problemáticas de raça e classe na nossa sociedade, provocando alunes em uma aula com as turmas de 9º ano do E.F, a experienciar no corpo possíveis imagens de opressões, desafiando a acabarem com as opressões das imagens corporais propostas.

Levamos em consideração em meu plano de trabalho para o desenvolvimento do projeto o foco na escrita autobiográfica, denunciando opressões que sofri durante quase todo meu período escolar, desde a primeira infância, pontuamos sobre problemáticas atuais de violências contra pessoas LGBTQIAPN+ nas escolas, e que muitas pessoas acabam abandonando os estudos por causa das opressões sofridas. E pensando sobre isso, a escola tem um papel social fundamental e importante, inclusive nas contribuições para combater as violências presentes na sociedade, como por exemplo, o racismo e a LGBTfobia. Aconteceram tensionamentos dos lugares de privilégios na nossa sociedade e questionamentos do racismo estrutural, repressão policial, genocídio da população indígena e negra.

É importante diagnosticar o problema, mas é muito necessário avançar, e o teatro pode contribuir para vivermos melhor em sociedade. Porque a arte pode transformar as pessoas, e as pessoas podem transformar o mundo.

O meu repertório de professorie de teatro foi ampliado, a partir de estudos teórico-práticos, com foco na escrita e apresentação do projeto de poética, o

planejamento e apresentação do plano de sequência de poética (planejamento de aulas). Por fim, destacamos que essa é uma pesquisa que diz não apenas sobre mim, mas das pessoas LGBTQIAPN+ que vieram antes de mim, das que estão em movimento e das que ainda virão. É sobre transformar a minha revolta e indignação em luta, e lutar também, através da minha profissionalização em professore de teatro da rede pública de ensino, propondo uma educação libertadora, emancipatória, transgressora, respeitando a bagagem sociocultural de todos que compõe o processo de ensino e aprendizagem.

SEJA BEM VINDE A QUINTA ESTAÇÃO!

PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM COM OS NONOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Sinto que a minha atuação de luta contra as opressões e desigualdades, dentro da rede pública de ensino, enquanto estudante, pesquisadore, artista, professorie de teatro, está totalmente ligada ao movimento de desmascaramento (KILOMBA), inclusive, propondo desmascaramentos, e isso pode acontecer também através de afetações em sala de aula a partir da troca de ensino e aprendizagem. É quando, de fato, acontece uma tomada de consciência sobre algum problema social e principalmente, o que nós sujeites podemos fazer para acabar com o problema.

E se, a pessoa ainda é um indivíduo e não sujeite, a tomada de consciência de que somos sujeites e de que temos direitos que precisam ser garantidos pelo Estado, pode acontecer através de uma identificação ao acessar uma *escrevivencia*, por exemplo. Conceição Evaristo (2018) nos convida ao entendimento e empoderamento sobre ao acessar obras que nos identificamos. Ao meu ver é também um ato de desmascaramento, de não apagamento da memória e do saber, é um registro e arquivamento do saber dissidente. Então, além da escrita, a oralidade também é muito importante, assim como, a presença de pessoas indígenas, negras, LGBTQIAPN+, gordas, periféricas, pcd's, ocupando espaços de poder, podem contribuir para possíveis identificações e

empoderamentos. As representatividades são atos efetivos de auto estima e libertação. A ocupação de espaços de poder que influenciam nas vidas das outras pessoas. E a escola e a profissão de professora, é um espaço de poder. Mas, por favor, não nos enganemos que espaço de poder precisa ser autoritário, agressivo, arrogante, soberbo, excludente, ignorante e hierárquico. E sim, pode ser um espaço de poder horizontal, que respeita a bagagem sociocultural de todos, tem escuta ativa para as pessoas e contextos, não é conteudista.

Acredito e defendo a educação pública, de qualidade e para todos. Educação antirracista, antilgbt+fóbica, anticapacista, emancipatória, libertadora, transgressora e decolonial. Caminhando junto com as ideias de Paulo Freire, bell hooks, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Ricardo Figueiredo e Vinícius Lírio.

Durante as regências para as turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, o projeto de pesquisa da Iniciação Científica e o estágio 3 estavam caminhando juntos, no mesmo período. E no processo de estágio 3, que aconteceu no período de 20 de abril de 2022 à 03 de junho de 2022, trabalhei com cartografia, diário de bordo, projeto de poética e sequencia para criação para e com a sala de aula. Então, irei acessar os registros que estão no diário de bordo para relatar experiências vivenciadas na escola.

O período de trabalho de estágio na Escola passou pelas horas obrigatórias de observação do espaço escolar, observação das aulas e regências. Trabalhei com turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Governador Carlos Lacerda.

No período de regência das aulas presenciais para as três turmas de 9º ano do ensino fundamental, preparamos uma aula convite para a oficina teatral “Sem terror, sem caô” da Iniciação Científica e na segunda aula que aconteceu uma semana após a primeira aula convite, propus uma continuidade trabalhando com o Teatro Épico de Brecht e o Teatro Imagem, do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, a partir dos estudos do livro didático Janelas da Arte. O livro didático no contexto do estágio foi uma solicitação do professor supervisor com o objetivo de dar continuidade as aulas que ele já estava propondo, então, o livro

didático entrou na proposta de planejamento das aulas como um dispositivo para a organização criativa das aulas junte com estudantes e não apenas reproduzir o que o livro estava sugerindo. Após o contato com a turma durante a primeira aula com os assuntos trazidos por elas, escolhi propor a temática Teatro, Sociedade e Política sugerida pelo livro didático por que fazia conexão com os interesses das pessoas envolvidas no processo de experiência estética durante a primeira aula. O livro didático surgiu em meu contexto de estágio também em um movimento de apropriar positivamente do que já está dado mas desmascarando e assumindo possibilidades para eu-artista-professorei usufruir de minhas habilidades e possibilidades artísticas dentro de um processo criativo teórico prático metodológico para e com a sala de aula, junte com alunes. Não apenas reproduzindo propostas sugeridas pelo livro didático, mas sim, criando, preparando, imaginando, realizando trocas de conhecimentos e aprendizagens em sala de aula junte com alunes.

Inclusive, escapando de ações de apenas reproduzir o que já está dado pelo livro didático, sem conhecer as demandas do contexto escolar, uma das propostas sugeridas na disciplina de estágio 3 pelo professor Vinicius Lirio foi o planejamento e a criação de um projeto de poética a partir do contexto escolar inseride, pensando na carga horária obrigatória de regência que foram 20h/aula. E no processo do exercício de criação do projeto de poética, que é pensando na organização da professora-artista, eu consegui preparar e sistematizar um projeto de poética a partir de alguma urgência que eu identifiquei no campo do estágio 3.

O primeiro encontro com alunes, em sala de aula, das turmas de 9º ano do Ensino Fundamental

Eu e professor Ricardo Figueiredo planejamos juntos a primeira aula, pensando o teatro e os marcadores sociais, com foco em questões relacionadas ao universo LGBTQIAPN+ mas que na prática, surgiram discussões trazidas por algumes alunes que relataram o racismo e violência policial, levantando outras opressões presentes na nossa sociedade. Nos fizeram compreender em uma

troca de saberes, que dor é dor, as vezes a pessoa que sente a dor do racismo, pode não sentir a dor da LGBTQIAPN+fobia, por exemplo, mas quando as pessoas compreendem que é algo doloroso e que traz tanto sofrimento para as pessoas que são afetadas pelas violências, alguma mudança pode acontecer. E eu acredito muito na força e resistência das pessoas que propõem Arte no nosso país Brasis, acredito nas tomadas de consciência, indignações, afetações que podem ser alertadas, denunciadas pela arte e com isso, acontecer alguma transformação positiva. Acredito, sobretudo, nas transformações positivas que podem acontecer a partir das aulas de teatro e estou inserida nesse movimento. Então, as aulas foram pensadas com essa perspectiva também.

Para relatar as aulas propostas das turmas de 9º ano do ensino fundamental, irei revisitar a cartografia produzida durante o processo de pesquisa, de trabalho, de trocas de ensino e aprendizagem.

Eu e professor Ricardo Figueiredo propomos de começarmos a aula com um jogo de movimentações corporais e alteração do espaço sala de aula

Tínhamos o boné vermelho do MST que foi nosso “bastão”, ou seja, quem tivesse com o boné, estaria com a fala e combinamos isso junto com as turmas.

O jogo foi uma proposta para começarmos a introduzir a temática sobre os estudos sobre gêneros e sexualidades dissidentes. Então, houveram alterações na dinâmica pelas demandas vindas das pessoas estudantes e as orientações foram sendo alteradas de acordo com as necessidades de cada agrupamento em cada turma. A dinâmica era: quem se identifica com gênero feminino, fique na cadeira. Quem se identifica com gênero masculino, tire a cadeira do chão. Quem se identifica com outro gênero, seja gênero fluido, não binário ou outro gênero, fique sentado na mesa. A partir disso conversamos sobre o que cada estudante entendia sobre cada gênero, indo de encontro com a afirmação de que não existe apenas gênero masculino e feminino. A ideia era lançar as provocações iniciais e observar como a turma lidava com esse assunto, qual nível de engajamento sobre o assunto e possíveis reverberações junto com a mediação da artista professora. A partir de uma fala de um estudante gênero fluido “você está me assumindo para sala toda” falei para ele ficar tranquilo e eu acrescentei uma nova orientação conversando com toda turma, que era para ficarem tranquilas porque a proposta não era tirar ninguém do armário,

levantando a questão sobre apenas se assumir quando estiver se sentindo seguro. Não somos obrigadas a nada, é sobre respeitar o tempo de cada pessoa. Então foi orientado para quem não estivesse se sentindo confortável poderia escolher um lugar da sala para ir. E começamos a conversar sobre o que entendíamos sobre gênero fluido, gênero não binário, cisgenerideade, transgenerideade, adentrando apenas na discussão sobre gênero. Algumas estudantes falaram para todos da turma o que entendiam sobre cada gênero mas a maioria da turma não entendia muito sobre o assunto, expressando dúvida e curiosidade. Após nossa conversa sobre gêneros, começamos a transformar o espaço sala de aula, levando mesas e cadeiras para o fundo da sala, abrindo caminhos para os trabalhos corporais. E lancei provocações: Continua sendo uma sala de aula? O que mudou? Se estivéssemos em lugar aberto, no pátio da escola, por exemplo, continuaria sendo uma sala de aula? Por que?

Como estão nossas corps e corps?

Partimos para outro momento da aula e foi proposto o jogo dos privilégios. A proposta consiste em fazer uma fila horizontal, onde as pessoas fiquem uma do lado da outra, e a cada pergunta, quem se identificar, avança para frente. Pensando na inclusão, retiramos a orientação de “dar um passo a frente” ou “andar para frente” por que essas orientações excluem algumas pessoas com deficiência. E inclusive, em uma das turmas de 9º ano havia uma aluna cadeirante.

Dada as orientações, começamos o jogo dos privilégios que girou em torno de algumas questões do universo LGBTQIAPN+. As provocações foram:

Avança para frente se você conhece alguma pessoa LGBTQIAPN+.

Avança para frente se você ficou sabendo que na última quarta-feira foi o dia contra a LGBTQIAPN+fobia.

Avança para frente se você já viu alguém sofrendo LGBTQIAPN+fobia.

Avança para frente se você já viu alguém sofrendo LGBTQIAPN+fobia e não fez nada.

Agora, se observem, observem se tem pessoas atrás de vocês, se tem pessoas na frente de vocês, observem em qual lugar da sala vocês estão. Quem poderia falar o que entende sobre o que é LGBTQIAPN+fobia? Dialogamos sobre atos de violência contra pessoas LGBTQIAPN+ e por que são motivados? Dialogamos sobre auto aceitação, insatisfação com o corpo, orgulho, empoderamento.

Poderiam ter sido outras provocações? Na nossa sociedade, existe apenas LGBTQIAPN+fobia ou existe outras violências e agressões contra outras pessoas por serem quem são? E mergulhamos em outras discussões trazendo para a roda o racismo, capacitismo, violência policial, genocídio das pessoas indígenas e negras, gordofobia, feminicídio. E a partir dessa roda de conversa interessada, provocamos: Como seria um personagem do policial racista? Qual seria o gênero desse personagem? Qual seria o corpo desse personagem? Qual seria a vestimenta desse policial? Qual seria a classe social desse personagem? Qual seria o posicionamento político desse personagem?

Algumas alunes relataram o racismo e violência policial que sofreram ou que já viram alguém próximo sofrendo.

O próximo momento da aula, partindo para o final da aula, ambientamos a noção de comunidade e coletividade, em um estado de comunhão, onde juntas precisaríamos resolver, solucionar um conflito, um problema. Então, fomos unidos com nossas mãos, formando uma espécie de embraço corporal coletivo. O desafio era: desembaraçar sem soltar as mãos, voltando para a grande roda, todos de mãos dadas. Então, o conflito poderia ser um caso de racismo, LGBTQIAPN+fobia, violência policial, gordofobia, capacitismo, intolerância religiosa... Cada pessoa sabia por qual opressão estava lutando para resolver em união com as outras pessoas.

Eu participei desse exercício teatral junto com alunes, dentro do embaraço corporal e estávamos em um estado de atenção e escuta, aquela comunidade estava totalmente preocupada em solucionar o conflito que estava internalizado, e juntas, externalizamos somando estratégia e foco para sairmos do embaraço e voltarmos a grande roda. Não foi fácil e muito menos rápido, mantivemos a calma e não desistimos. Quando conseguimos voltar para a grande roda, finalmente resolvendo o conflito que estava nos prendendo, limitando, mascarando, silenciando, apertando, nós comemoramos e celebramos. Foi super emocionante. E o relato das pessoas que participaram e das pessoas que assistiram foi sobre “a dificuldade, a quase desistência, a união faz a força, o quão interessante foi assistir o movimento dos corpos embaraçados sendo desembaraçados, a emoção de ver um trabalho em equipe dando certo.” Dialogamos sobre a importância de uma sociedade ser unida, respeitar as outras pessoas como elas são, sem violências. E questionei: O que acabamos de fazer poderia ser um ato performativo? Poderia ser proposto em qualquer lugar? Pensando no problema que estávamos enfrentando coletivamente, poderíamos falar para o público contra o que estariámos lutando?

Enquanto as propostas de atividades teatrais iam acontecendo, íamos inserindo e apresentando conceitos teatrais, a noção de coletividade, conflito, personagem, escuta ativa, consciência corporal e espacial.

O segundo encontro com alunes, em sala de aula, das turmas de 9º ano do Ensino Fundamental. O segundo encontro foi a continuação do primeiro.

Na próxima aula, a partir dos estudos do livro didático Janela das Artes e dos acontecimentos vivenciados e experienciados por nós na última aula, propus mergulharmos na temática sobre teatro, sociedade e política, apresentando o

teatro épico e uma parte do teatro brasileiro: teatro do oprimido (Augusto Boal), teatro da oprimida (Dodi Leal)

Começamos lendo coletivamente um poema de Brecht “Nada é impossível de mudar”

Desconfiai do mais trivial
Na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente:
Não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural
Nada deve parecer impossível de mudar.
(BRECHT, Bertolt. 1982)

Estávamos dialogando sobre o poema, uma aluna fala para todos: “precisamos desnaturalizar o natural. Por que o que defendem aí como natural, não me representa”

Conectando com a aula passada, aproveitando a criação de pontes, dialogamos sobre as características e funções sociais que o teatro épico e teatro do oprimido propõe, apresentando outros conceitos teatrais como a quebra da quarta parede, o uso de placas teatrais, o teatro-imagem, e todas conexões com a temática teatro, sociedade e política. O que é a quebra da quarta parede? Quem já foi ao teatro? Qual teatro? O que assistiram? Como era? As alunas compartilharam o que entendiam sobre a quebra da quarta parede e falaram sobre suas experiências com a ida ao teatro. O livro didático exemplifica uma montagem de uma peça teatral de Brecht que apresenta a quebra da quarta parede, quando as atrizes pedem a ajuda do público para ajudar as pessoas acidentadas. É uma peça que as 3 personagens sofrem um acidente de avião e estão entre os destroços, no momento que chamam a plateia. Eu perguntei para as alunas. Se fossemos nós na plateia da peça teatral, “vocês ajudariam ou deixariam as pessoas acidentadas lá?” O grupo de alunas que estava sentado

no fundo da sala disse que ajudariam, pensando que poderia ser alguém da família.

Mergulhando em uma parte do teatro brasileiro, que também está presente no livro didático, conversamos sobre Augusto Boal, Teatro do Oprimido, a contextualização do contexto social político que esteve inserido, focando na importância que teve e continua tendo na contribuição para questões sociais e políticas da nossa atualidade, sobretudo, questões de violências e opressões. Chegamos na conclusão da importância que o teatro tem de denunciar e problematizar acontecimentos agressivos e opressores que acontecem com a gente ou com outras pessoas.

Provoquei: Então, a partir dos nossos conhecimentos sobre teatro épico e teatro do oprimido, o que vocês acreditam que esteve presente na aula passada?

E para experienciarmos no corpo e na prática, vamos brincar? Algumas alunas ficaram animadas e outras nem tanto.

Convidei para a proposta teatral prática: “Palco ou plateia?”

Neste momento da aula precisaríamos da plateia para experienciarmos a quebra da quarta parede.

Qual noção de “palco e plateia” foi desenvolvida? Levando em consideração que estávamos todos em uma sala de aula com um espaço grande entre o quadro e as primeiras mesas e cadeiras das alunas, então escapamos da noção de palco elevado, havia um combinado de quem estaria na frente da sala, estaria no palco e quem estivesse sentado nas cadeiras, estaria na plateia. Mas combinamos de todas pessoas participarem, as que estivessem na plateia e no palco.

O primeiro grupo aceitou o convite e foi para o que combinamos que seria o palco, formou um grupo de 5 pessoas alunas. Pedi licença para as outras alunas que estavam na plateia e conversei com o grupo que estava no palco, apresentando e mantendo o convite para a proposta. A prática teatral foi Teatro-

Imagen de Augusto Boal. Então, as alunas chegaram juntas em um tema de opressão e a proposta era criar uma imagem corporal coletiva que representasse a temática, mostrei corporalmente que poderíamos usar os planos, plano baixo, plano médio e plano alto para nos ajudar a expressar o que gostaríamos de denunciar para a plateia. O grupo começou a experimentar corporalmente e eu estava disponível para contribuir com o que fosse necessário para a vivencia e experiência estética, foi um processo mediado a partir do que as alunas propunham. A plateia observou a imagem, chegaram perto da imagem e após observarem, começaram a falar sobre qual opressão acharam que a imagem estava denunciando.

“Feminicídio!”

“Não!”

“Violência contra mulher!”

“Não!”

“Racismo! Violência policial!”

“Acertaram!” Rimos e comemoramos.

Pedi licença novamente para a plateia e conversei com o grupo novamente:

“Desafio: na nova imagem corporal a opressão que vocês denunciaram precisa ter acabado. A proposta é vocês representarem no corpo uma nova imagem com aquela opressão resolvida.”

Apresentamos a nova imagem corporal coletiva para a plateia, elas observaram a nova imagem e questionamos:

“A opressão que existia e que foi denunciada na imagem anterior, acabou?”

A turma respondeu dizendo que sim e conversamos sobre a experiência vivida e se as escolhas corporais do grupo ajudaram ou não na identificação da opressão.

Sinto que o jeito que o processo aconteceu, motivou outras pessoas a irem para o palco e arriscarem a criar coletivamente imagens corporais que denunciassem alguma opressão da nossa sociedade. Foram mais 3 grupos de 5 e 6 pessoas para o palco e denunciaram opressões como feminicídio, lesbofobia e homofobia. Fizemos a mesma proposta de criar coletivamente a imagem corporal, apresentar, observar a imagem, falar qual opressão a gente achou que estivesse sendo denunciada, apresentar a nova imagem sem opressão, e conversamos se a opressão havia acabado e como podemos contribuir para que não exista opressão e violências na nossa sociedade? Algumas alunas responderam “respeitar as pessoas!” “Racismo e LGBTfobia é crime!”

As Habilidades da Base Nacional Comum trabalhadas foram:

EF69AR29

Experimentar a gestualidade e as construções corporais e vocais de maneira imaginativa na improvisação teatral e no jogo cênico.

EF69AR30

Compor improvisações e acontecimentos cênicos com base em textos dramáticos ou outros estímulos (músicas, imagens, objetos etc.), caracterizando personagens (com figurinos e adereços), cenário, iluminação, sonoplastia e considerando a relação com o espectador.

SEJA BEM VINDE A SEXTA ESTAÇÃO!

PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM COM OS SÉTIMOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Quando estava estudando o livro didático e buscando nele brechas e fissuras para propor um encontro com as turmas do ensino fundamental (de 6º ao 9º ano) que dialogasse sobre gênero, sexualidade, raça e classe, encontrei uma proposta de aplicação efetiva da lei 10.639/2003¹⁶, entendendo que contribuir com uma educação antirracista vai muito além que apenas interferir, repudiar, reprimir, dialogar quando acontecer uma situação de racismo, por exemplo, e sim, dialogarmos e trocarmos juntos em sala de aula sobre as nossas ancestralidades de África, nossas raízes negras e indígenas, negritude, referencias negras, religiões de matrizes africanas. Levando em consideração a importância da aplicação efetiva da lei 10.639/2003, assim como o sistema de cotas, dentro de um movimento de reparação histórica devido aos vários anos de silenciamento, mascaramento, apagamento, exclusões, que impediram o acesso das populações negras e indígenas em ambientes escolares, junto com o contato com o ensino de histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas. Conscientizando também sobre a importância de discutirmos sobre a branquitude e o racismo estrutural, para entendermos de onde pode ter vindo as injustiças e violências raciais e econômicas no nosso país que tem uma herança extremamente violenta com algumas pessoas, e que, conscientemente favorece outras pessoas. Inclusive, o racismo religioso esteve presente em um momento da aula quando uma aluna disse que “não concordava com o conto mitológico africano”, então, fizemos uma roda e conversamos sobre o que já havíamos escutado nas nossas vidas sobre religiões afrobrasileiras, caminhando para o entendimento sobre o racismo religioso. Por que demonizam religiões afrobrasileiras? Por que demonizam mas usam de conhecimentos das religiões afrobrasileiras em seus cultos cristãos? Por que estruturas, histórias, leis, foram

¹⁶ A lei 10.639 é uma lei do Brasil que estabelece a obrigatoriedade do ensino de "história e cultura afro-brasileira" dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio. Foi promulgada em 9 de janeiro de 2003 pelo presidente da época, Luís Inácio Lula da Silva.

criadas para favorecerem algumas pessoas e modos de viver e outras não? Por que excluem algumas pessoas e incluem outras?

Na primeira aula, entendemos o texto “A Ponte entre o Orum e o Aiyê”:

“Existe uma história africana, originária de Ketu, que no início de tudo havia o Orum, o espaço infinito, e lá vivia o deus supremo Olorum. Certo dia, Olorum criou uma imensa massa de água, de onde nasceu o primeiro orixá: Oxalá, o único capaz de dar vida. Olorum mandou Oxalá partir e criar o aiyê, o mundo. Só que Oxalá não fez as oferendas necessárias para a viagem e enfrentou sérios problemas no caminho. Quem acabou criando o mundo foi Odudua, sua porção feminina. Para consolar Oxalá, o deus supremo lhe deu outra missão: a de inventar os seres que habitariam o aiyê. Assim, Oxalá usou a água branca e a lama marrom para criar peixes azuis, árvores verdes e homens de todas as cores. Foram justamente os homens que, mais tarde, imaginaram formas de adorar e representar a saga de deuses como Oxalá, Odudua, Olorum e tantos outros.”

Em uma grande roda na sala de aula, lemos juntos em voz alta, familiarizamos com as palavras, e depois, contei essa mesma história, teatralizando e performatizando no meio da roda. Conversamos sobre a história, sobre o que havíamos entendido e se já conhecíamos essa história ou outra história que lembrasse a que acessamos juntos. Para identificarmos na prática sobre o mito, que são verdades para alguns povos, que faz sentido e que acreditam com afetações e respeito, conectando junto com a ideia de teatralização, propus um exercício prático, em duplas, em que uma pessoa da dupla iria narrar um fato sobre algo que aconteceu ou poderia ter acontecido na vida da estudante, trabalhando com o acreditar, com a imaginação, com a improvisação, com o convencimento e com a atenção. Enquanto uma das pessoas da dupla, narrou o fato de algo que aconteceu na sua vida, a outra pessoa da dupla iria contar a história “A Ponte entre o Orum e o Aiyê” e, ao mesmo tempo, prestar atenção na narração da outra pessoa da dupla. Quando finalizaram a experiência, as pessoas que estavam lendo o texto contaram sobre a narração que escutaram enquanto estavam lendo. E as funções propostas

paras as duplas foram invertidas e dialogamos, em roda, como foi a experiência para cada pessoa, sobre dificuldades, sobre se acreditaram ou não nas histórias narradas, se foi difícil ler e escutar a narração ao mesmo tempo.

No segundo encontro em sala de aula, com alunes do 7º ano do Ensino Fundamental, tivemos a continuação do primeiro encontro, acessamos Teatros Negros sugeridos pelo livro didático: imagens do espetáculo África, do grupo artístico Bando Teatro Olodum, de Salvador, Bahia. Em roda, conversamos sobre o estávamos tendo contato: cultura afro-brasileira, orixás, mitologia iorubá, teatros negros, peça de teatro ÁFRICA, Abdias Nascimento, países de África, diáspora, quilombo. E junto das conversas mediadas, perguntas foram propostas: o que é cultura? O que conhecemos sobre a cultura afro-brasileira presente na nossa sociedade atual? Quais Orixás já conhecíamos, além dos que foram falados no livro? Quais países de África conhecemos além de Nigéria e Benin, apresentados no livro? Quais peças de teatros negros já assistimos? Quais trabalhos de artistas negros já prestigiamos? O que é mitologia? Quais mitologias conhecemos? Quais são as religiões de matrizes africanas?

Na nossa próxima etapa da aula, propus para a turma que criássemos a partir da história “A Ponte entre o Orum e o Aiyê” ou de outra referência negra, uma cena curtíssima com personagens, falas, ações, acontecimentos e indicações cênicas. Então, perguntei para as pessoas estudantes o que elas entendiam sobre cena curtíssima e o que poderia ter na escrita de uma cena curtíssima que faz parte do contato com a escrita dramatúrgica, então, fui organizando no quadro as nossas ideias sobre uma estrutura base que poderíamos nos orientar na proposta de criação para a nossa cena curtíssima que já havia algumas circunstâncias dadas e personagens que estavam na nossa referência principal que era o texto “A Ponte entre o Orum e o Aiyê”. A ideia era pegar uma parte da história que mais tivesse gostado e se identificado, e propor uma escrita de uma cena curtíssima.

Eu gostaria muito que tivéssemos mais encontros em sala de aula para experienciarmos as continuações e possíveis avanços das aulas, porque foram

apenas dois encontros em cada turma. Sinto que foram convites para vivermos juntos, em sala de aula, as práticas de trocas de ensino e aprendizagem antirracista que eu acredito ser assertiva. Junto do convite, foi uma introdução de um possível estudo sobre negritude na Arte a partir de norteadores e impulsos criativos que mobilizaram o diálogo e as experiências estéticas vivenciadas por nós (eu e alunes) em sala de aula sobre os estudos introdutórios da negritude na Arte, levando em consideração, o nosso tempo juntos, nas duas aulas.

Sinto também que esses encontros propostos dialogam com a música “Exú nas Escolas” de Elza Soares e Edgar. Principalmente quando falam na música:

Exu no recreio

Não é Xou da Xuxa

Exu brasileiro

Exu nas escolas

Exu nigeriano

Exu nas escolas

E a prova do ano

É tomar de volta

A alcunha roubada

De um deus iorubano

[...]

Estou vivendo como um mero mortal profissional

Percebendo que às vezes não dá pra ser didático

Tendo que quebrar o tabu e os costumes frágeis das crenças limitantes

Mesmo pisando firme em chão de giz

De dentro pra fora da escola é fácil aderir a uma ética e uma ótica

Presa em uma enciclopédia de ilusões bem selecionadas

E contadas só por quem vence

Pois acredito que até o próprio Cristo era

Um pouco mais crítico em relação a tudo isso

E o que as crianças estão pensando?
Quais são os recados que as baleias têm para dar a nós
Seres humanos, antes que o mar vire uma gosma?
Cuide bem do seu Tcheru
Na aula de hoje veremos Exu
Voando em tsuru
Entre a boca de quem assopra e o nariz de quem recebe o tsunu
As escolas se transformaram em centros ecumênicos
Exu te ama e ele também está com fome
Porque as merendas foram desviadas novamente
Num país laico
Temos a imagem de César na cédula e um "Deus seja louvado"
As bancadas e os lacaios do Estado
Se Jesus Cristo tivesse morrido nos dias de hoje com ética
Em toda casa, ao invés de uma cruz, teria uma cadeira elétrica

[...]

As Habilidades da Base Nacional Comum trabalhadas foram:

EF69AR29 Experimentar a gestualidade e as construções corporais e vocais de maneira imaginativa na improvisação teatral e no jogo cênico.

EF69AR30 Compor improvisações e acontecimentos cênicos com base em textos dramáticos ou outros estímulos (músicas, imagens, objetos etc.), caracterizando personagens (com figurinos e adereços), cenário, iluminação, sonoplastia e considerando a relação com o espectador.

EF69AR33 Analisar aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística, problematizando as narrativas eurocêntricas e as diversas categorizações da arte (arte, artesanato, folclore, designs etc.)

EF69AR34 Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos as diferentes linguagens artísticas.

EF69AR24 Reconhecer e apreciar artistas e grupos de teatro brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas, investigando os modos de criação, produção, divulgação, circulação e organização da atuação profissional em teatro.

SEJA BEM VINDE A SÉTIMA ESTAÇÃO!

DIÁLOGO COM UMA DAS PROPOSTAS DE EXERCÍCIO TEATRAL DO CADERNO DE ATIVIDADES DA ARGENTINA – Como me apropriar de materiais didáticos e “desmascarar” o que vem de fora propondo um novo sentido para o que pretendo trabalhar?



Descripción del ejercicio

Para comenzar el/la docente relatará la siguiente historia: "Hace mucho, mucho tiempo. En eras inmemoriales la Patagonia Argentina estaba poblada por cuatro aldeas: "Aguas Cálidas" ubicada en la costa este del continente; "Filo Vertiginoso" en lo alto de la montaña Forte ; "Lagarto Seco" que habitaban el sediento desierto y "Rocosos de Cristal" asentados al borde de la laguna Esmeralda. Una mañana, las fogatas de las cuatro aldeas empezaron a arder, eso sólo significaba algo: la disputa por la tierra entre "Tren Tren" y "Cai Cai" se había reavivado. Alarmados antes el pánico por perder nuevamente sus tierras cada tribu pensó de qué manera, y con qué ofrendas, calmar la ira de los Dioses." Para resolver esta historia los estudiantes se agruparán en 4 grupos para pensar qué características (identidad) tienen los miembros de esa aldea y definir qué ofrenda le darán, posteriormente en una improvisación, a las serpientes. En el caso de tratarse de una clase presencial, el objeto-ofrenda puede ser una composición corporal hecha por todos los miembros o se pueden utilizar objetos reales para resignificarlos. En el caso de ser una clase virtual, cada grupo trabajará en aulas individuales pudiendo decidir si la ofrenda será con objetos de su casa o ~~armando~~ ~~composiciones~~ (estilo collage corporal) con partes de sus cuerpos en el cuadro de la pantalla. Para finalizar se hará una improvisación en dónde cada aldea llevará su ofrenda hacia el lugar donde están los dioses. Se pueden incorporar frases, palabras, sonidos. Una vez terminada la dramatización se reflexionará sobre: la diversidad, las distintas formas que tienen las personas de pensar y resolver los problemas y la aceptación en la pluralidad de acción.

Nombre del ejercicio: "La ofrenda"
Contenido teatral disparador: Objetos
Eje de la ESI: Respetar la diversidad
Modalidad: Presencial
Edad a la que va dirigido: Adolescentes/Adultos

Figura 2

Na proposta acima, tem as seguintes informações:

Nome do exercício: A Oferenda

Conteúdo teatral disparador: objetos

Foco: respeitar a diversidade

Modalidade: presencial ou virtual

Idade sugerida: adolescentes/adultos

Descrição do exercício:

Para começar, o professor contará a seguinte história: "Há muito, muito tempo. Em tempos antigos a Patagônia Argentina era povoada por quatro

aldeias: "Águas Cálidas" localizadas na costa leste do continente; "Borda Vertiginosa" no alto da serra do Forte; "Lagarto Seco" que habitava o deserto sedento e "Rochas de Cristal" localizada à beira da Lagoa Esmeralda. Uma manhã, as fogueiras das quatro aldeias começaram a arder, isso significava apenas uma coisa: A disputa de terras entre "Tren Tren" e "Cai Cai" havia reacendido. Alarmados diante do pânico de perder suas terras, cada aldeia pensava em como e com que oferendas acalmar a ira dos deuses.

(Leia, por favor, com linguagem não binária ou feminina) Os alunos serão agrupados em 4 grupos para pensar sobre quais características (identidade) os membros daquela aldeia têm e definam que oferenda vão dar, depois num improviso, às cobras.

No caso de uma turma presencial, o objeto-oferta pode ser uma composição corporal feita por todos os membros ou objetos podem ser usados para redefini-los.

No caso de ser uma aula virtual, cada grupo trabalhará em salas individuais podendo decidir se a oferta será com objetos de sua casa ou montando composições (estilo colagem corporal) com partes de seus corpos na caixa de tela.

Para finalizar, haverá uma improvisação onde cada aldeia levará sua oferenda ao local onde existem os deuses. Frases, palavras, sons podem ser incorporados.

Quando a dramatização terminar, você refletirá sobre: diversidade, as diferentes formas que as pessoas têm de pensar e resolver problemas e a aceitação da pluralidade de ações.

Comentando a proposta

Nesta proposta apresentada consigo identificar pontos que me aproximam enquanto professor e artista dentro da temática que me proponho a trabalhar em sala de aula:

1º a escola, o teatro e a diversidade;

2º adolescentes / adultos

E os possíveis desdobramentos dessa prática em sala de aula junto com alunos

Levando em consideração, principalmente, a participação ativa dos alunos. Os possíveis desdobramentos relacionados às questões da diversidade na nossa sociedade, adentrando ao universo LGBTQIAPN+.

Eu fico pensando nos nomes que o exercício propõe, principalmente Argentina. Até que ponto é interessante apresentar um lugar que sabemos que existe, mas temos pouca ou nenhuma referência? Pensando na nossa diversidade. Mas talvez eu deixaria somente Patagônia ou sem falar qual lugar é, ou “um lugar bastante antigo sem memória”

Ou iria propor uma alteração para um Brasil antigo, sem memória. E os grupos poderiam ser “heterolandia” “cislandia” “translandia” e “lgbtqiapn+landia”

Pensando, sobretudo que, as informações dadas, podem interferir na prática do exercício teatral. Acredito na importância das criações, alterações, atualizações para manter viva a professorie artista, partindo de algo que já foi criado e proposto, mas com autonomia para praticar o poder artístico criador, e o prazer em criar partindo de referências e vivencias. E não só apenas reproduzir uma prática pedagógica, que é uma das ideias que o “projeto de poética” nos apresenta. Professorie artista trabalhando ativamente/criativamente na preparação das aulas que apresente uma coerência interna a partir do contexto escolar, na prática em sala de aula e no pós sala de aula na avaliação da

proposta pedagógica de uma experiência estética, focando no processo, na organização para alcançar os objetivos presentes na temática identificada. É um movimento de formação para todos, alunos e professorie artista.

Ou, seria possível atualizar o lugar que o exercício propõe “Argentina Patagônia” para um lugar que tem um nome que sugere possíveis leituras para as pessoas que terão acesso ao exercício. Por exemplo, no texto “O que não vaza é pele”, de Alexandre de Sena, trabalha com fábula, e nos apresenta um lugar fictício chamado Clarimanha, com metáforas que sugere um tipo de lugar na nossa sociedade sem explicitar qual lugar do Brasil é, a priori, mas que dado o avançar da dramaturgia o lugar é revelado e o racismo atrelado à violência policial contra pessoas negras é denunciado. No caso da dramaturgia citada a pouco, começa com uma fábula que faz referência a uma cidade do sul do Brasil, onde Alexandre de Sena sofreu racismo e violência policial. As escolhas dos nomes “heterolandia” “cislandia” “translandia” e “lgbtqiapn+landia” para representar cada agrupamento, surgiu a partir da leitura do texto “O que não vaza é pele” no momento que é apresentado a cidade Clarimanha com todas suas características e especificidades de branquitude racista.

Pensando que, com essas sugestões de nomes para os agrupamentos, já poderíamos começar a dialogarmos sobre o universo LGBTQIAPN+, ambientalizando nossas discussões sobre os estudos de gênero e sexualidade dissidentes. É muito importante, nós professories artistas, criarmos estratégias norteadoras para possíveis diálogos sobre as temáticas dos projetos de poéticas para e com a sala de aula. Para as estratégias norteadoras acontecerem efetivamente, podemos usufruir de disparadores, como por exemplo, a escolha dos nomes dos agrupamentos, que poderiam estar substituindo as sugestões dos nomes apresentados pelo exercício da Argentina: “Águas Cálidas”, “Borda Vertiginosa”, “Lagarto Seco”, “Rochas de Cristal” para “heterolandia” “cislandia” “translandia” e “lgbtqiapn+landia”.

Então, como poderia ser o exercício de teatro “A Oferenda” proposto pelo caderno de atividade da Argentina, se fosse eu propondo uma aula?

Qual turma? 9º ANO, Ensino Fundamental

Tempo da aula: 50min

Começaríamos em roda, nos observando, observando as outras pessoas da sala, observando a sala de aula

No espaço tem mesas e cadeiras? A organização do espaço para a nossa atividade cênica

Então, com cuidado, afastar as mesas e cadeiras para o fundo da sala.

Conhecer o nosso espaço de trabalho com as outras pessoas também no espaço.

Como fazer isso? Caminhar pelo espaço e usufruir dos sentidos que cada pessoa tem para explorar o espaço e preparar antes de irmos para o exercício teatral.

O exercício começa com uma narração dramatúrgica que sugere um tipo de ambientação.

Então, iríamos para as seguintes etapas da nossa aula:

A separação dos grupos;

Tempo para as definições das características das personagens, os objetos, a oferenda;

Definir o espaço da cena e o espaço da plateia na sala de aula;

A narração que será lida e interpretada pela professore artista (pontuar: isso é aqui é chamado de leitura dramatizada no teatro);

As improvisações;

E a grande roda.

A proposta sugere questões a serem abordadas a partir do exercício, como por exemplo: A diversidade, as diferentes formas que as pessoas têm de pensar e resolver problemas e a aceitação da pluralidade de ações.

A partir das sugestões propostas pelo caderno de atividades, eu professorie artista iria mediar a nossa discussão:

Como são as pessoas da nossa sociedade? Da escola? Da sala de aula? E os contextos que cada pessoa da turma está inserida, como é a nossa vizinhança? O nosso bairro? A nossa cidade? O nosso país? Somos todos iguais? Com quem a gente se identifica? Quais são nossas artistas favoritas? Quem somos nós? Qual é minha cor? Qual é minha orientação sexual? Qual é meu gênero? Já sofri violência por ser quem eu sou? Tem desigualdades no nosso país? Quais desigualdades? Existem pessoas que lutam contra as desigualdades? A desigualdade é uma violência?

Podemos, inclusive, aproveitar o desdobramento do exercício para propormos uma ligação com a próxima aula, podendo propor a pesquisa sobre um recorte do universo LGBTQIAPN+. Os estudos de cada sigla, por exemplo. O que é cis? O que é hetero? O que são marcadores de gênero? O que é linguagem não binária ou linguagem inclusiva ou linguagem neutra?

É muito interessante pensar sobre os possíveis caminhos de poética.

Optei por trazer este exemplo para apresentar uma das propostas que o caderno de atividades sugere. É importante perguntar: Para que? É um desejo meu (professorie artista) ou do contexto/alunes? Essa proposta faz sentido dentro da temática proposta? É um desserviço? Em qual momento do planejamento de aulas/sequência para criação esse exercício poderá entrar em ação? Quais perguntas estratégicas podem colaborar com a discussão da temática antes e após o exercício? Pensando no campo de conhecimento dos estudos teatrais, qual proposta poderia acontecer antes dessa prática? E o que poderia acontecer após essa prática?

Sinto que é uma proposta que poderia acontecer em uma turma que esteja sendo o primeiro contato da professora artista com alunes, ou em uma turma que a professora artista já tenha feito uma observação do espaço incluindo as possíveis demandas, os interesses das pessoas estudantes.

Se as pessoas estudantes não embarcarem nesse exercício, quais serão as cartas na manga (outras propostas)?

É importante pensarmos também:

Qual é a urgência que o contexto grita?

Quais são as possíveis mediações das propostas?

Explorar ao máximo as propostas junto com alunes

E as possíveis ligações entre uma aula e outra.

Na minha futura atuação como professorie artista, acredito na aula prática, eu escolhi não fazer uso da aula expositiva conteudista, então, os possíveis conteúdos aparecerão nas práticas, coerentes com uma proposta de poética. Por exemplo, na proposta a cima do caderno de atividades da Argentina, aparece conteúdos teatrais na prática, nesse caso, o objeto, improvisação, personagens, conflitos, entorno, circunstâncias, corporeidades, ação, texto, adaptação e o trabalho em equipe, coletivo, horizontal.

Apresento para você, pessoa leitora que está nesta viagem, os conteúdos teatrais que entrarão nas práticas do projeto de poética própria em sala de aula e para a sala de aula:

Objetos, segundo o Recurso Artístico – “Teatro & ESI, Cuadernillo N°4”.

Pg. 14:

1. Objetos são "seres inertes" desprovidos de vida, materiais inanimados que não "existem" até que seu uso seja reinventado e sua funcionalidade seja desativada para dar virtude ao seu poder poético.

2. Para que haja uma "dramatização" dos objetos, não basta mudar seu

uso habitual, deve haver também um conteúdo poético, uma aparência da metáfora.

3. Diante do objeto ou matéria, é preciso perguntar-se sobre suas fraquezas,

seu charme, seus pontos fortes, suas tensões, seus desejos, seus segredos, seu

passado, suas falhas. Usá-los na busca de associações de ideias e de metáforas.

Para concluir esta estação,

Continuando na linha de raciocínio sobre possíveis caminhos de poética, na proposta de um projeto de poética, o professor Vinícius Lírio nos apresentou, durante o estágio 3, que o projeto de poética para e com a sala de aula, pode ser contemplado por uma sistematização do pensamento, podendo passar pela seguinte organização, horizontal e não vertical: tema, objetivos gerais e específicos, saberes e fazeres (do nosso campo de conhecimento, para conseguir dar conta dos objetivos gerais e específicos), agenciamento dos saberes e fazeres, conteúdos, poética(metodologia) e avaliação. Que vem a partir de uma contaminação positiva pelo contexto que iremos estar inserides durante a experiência do estágio, no campo de estágio, então, é sugerido para estarmos atentes sobre qual urgência o contexto grita para propormos um projeto de poética coerente com o contexto escolar que iremos atuar pedagogicamente, juntas e misturadas, com a Pedagogia Teatral.

E a sequência para criação (plano de aulas) pode estar contemplado pela seguinte sistematização: sensibilização, criação, problematização, registro e o compartilhamento.

Percebo que as minhas sequencias para criação vem sendo produzidas, propositalmente e com prazer no processo de criação, como uma dramaturgia,

a minha professora artista viva em mim, vem trabalhando desta forma nas produções e propostas para e com a sala de aula, parecida com a proposta de aula/criação apresentada e comentada nesta estação. Sinto que me ajuda a organizar o pensamento na hora de articular junto com a escrita.

SEJA BEM VINDE A OITAVA ESTAÇÃO!

SERÁ O FIM DA PESQUISA?

Não.

Atualmente, é o segundo semestre de 2022, e durante a disciplina de estágio 4, continuo a buscar, pesquisar e exercitar propostas de poéticas artísticas antirracistas para e com a sala de aula, com temáticas sobre negritude, dramaturgias negras, povos indígenas, universo LGBTQIAPN+, meio ambiente, com o foco principal em processos metodológicos teóricos e práticos contra colonizadores dentro da disciplina de Arte que poderá acontecer em alguma escola, e desejo que seja em alguma escola da rede pública, ou em algum projeto social junto com alguma região periférica.

Vem aí a pós graduação da professorie artista negre trans não binárie.

ASÈ!

Sendo assim, me comprometo a ocupar o espaço de professorie de teatro dentro da disciplina de arte de alguma escola municipal ou estadual da rede pública de ensino, me permitindo às possíveis contaminações do espaço escolar para que eu possa planejar *projetos de poéticas e sequencias de criações* (Vinícius Lírio) para e com a sala de aula junte com alunes, me permitindo a escuta ativa para as urgências do contexto que estarei inseride, me permito a ser afetade e afetar, me comprometo a propor encontros em sala de aula a partir de questões e interesse das pessoas discentes, me comprometo com a mediação de processos e trocas de aprendizagens, me comprometo a vivenciarmos juntas experiências estéticas corporais e imagéticas, dentro do

campo das artes e a partir disso, apresentar saberes e fazeres, agenciamento de saberes e fazeres, conteúdos, poética e avaliações, dentro de um procedimento metodológico, que foca no processo e não em um resultado. E assim como a vida é fruição, acredito que o movimento de propostas poéticas para e com a sala de aula, é fruição também, é orgânico, é vivo e pode não existir amarras, caixinhas, viseiras, enrijecimentos, ideias velhas cristalizadas e máscaras. Estejamos atentes!

Poética que podemos entender, enquanto propostas criativas, coesas e coerentes dentro de uma temática que vem a partir de alguma urgência identificada no contexto escolar. Acredito e defendo propostas de poéticas *contra colonizadoras* (*Nego Bispo*), *transgressoras* (*bell hooks*) e *libertadoras* (*Paulo Freire*). Podendo ter nossas *escrevivencias* (*Conceição Evaristo*) como motivadoras de nossas práticas em sala de aula, juntas e misturadas com *ideias para adiar o fim do mundo* (*Ailton Krenak*).

Conscientizando sobre as possíveis máscaras que operam nas nossas vidas e como podemos romper com a manutenção e presença das máscaras simbólicas e escancaradas que violentam corpos e corpos que são miras na nossa sociedade.

Me comprometo com o combate às violências e convido, você querida pessoa que está embarcada nesta viagem, a combater também. Juntas, podemos contribuir com uma cultura de paz (FIGUEIREDO, 2019). Junto disso, fiquei pensando no início do estágio 3, no momento que relatei para você, querida pessoa que está nesta viagem e que chegou até este momento, fiquei pensando sobre o tempo que eu estaria inserida no ambiente escolar do estágio e quando chegasse no momento das regências junto com as turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, o que poderia ser interessante contribuir para a nossa formação. Levando em consideração o tempo de carga horária que não foram muitas horas, comparando com o tempo das pessoas estudantes em todo percurso escolar, eu estaria ali com elas em um recorte de tempo do período da nossa formação, eu enquanto professoria artista e elas enquanto estudantes.

Então, eu escolhi agir através de um planejamento metodológico teórico e prático a partir de questões urgentes e pulsantes que estavam presentes naquele contexto escolar, que eu consegui identificar, e de questões que vem me atravessando desde a minha primeira infância, principalmente sobre questões de raça, gênero, sexualidade e classe. Concluo que foi um encontro de saberes que caminhou junto com os agrupamentos, em um espaço de tempo no ambiente escolar durante o estágio 3, que disse muito sobre uma luta que é individual, mas que também é coletiva e que influencia nas relações das vidas em comunidade e nas nossas formações enquanto seres humanos pensantes, críticos, questionadores, propositores, resistentes, consistentes, ativos e conscientes.

Na conversa sobre Educação com Ailton Krenak e Emicida, no episódio "#04 Emicida entrevista Ailton Krenak" do podcast "Chamaê", disponível no Spotify, Ailton Krenak disse que "é importante estarmos atentas, porque muitas vezes o que acontece são professores passando ideias velhas para seres novos", o cuidado, a sensibilidade, a escuta, a atenção, para nós professores não apenas reproduzimos propostas. Então, é muito importante estarmos atentas para não boicotarmos os processos e para não acabarmos contribuindo com as violências ou os desprazeres de estar no ambiente escolar, que possam chegar a evasões. Por isso, a coerência com as questões apresentadas pelo contexto estarem inseridas na proposta de um projeto de poética e plano de sequência para as criações em sala de aula, junte com alunes, é muito importante também. Principalmente, estarmos atentas para as questões e desejos externalizadas pelas alunas. Repito, acredito na troca de aprendizagem horizontal, na que não é de cima para baixo, na que não é hierarquizada, na que não é opressora e na que não é colonizadora, e que possa criar pontes

Com os processos pedagógicos em ambientes de aprendizagem e de criação, como o é a sala de aula: se dá de forma reflexiva; afirma identidades (ou identificações); curva o tempo (criando situações suspensas, que demandam imersão); remodela e adorna o corpo, num processo de subjetivação e criação enunciativa; conta histórias, a partir da recuperação e compartilhamento de memórias, experiências, saberes, fazeres, afetos etc.; uma performance ocorre apenas em ação, interação e relação, ou seja, entre. (LÍRIO, 2020. Pg. 39 e 40)

Acredito em um espaço escolar onde todos possam trocar aprendizagens, e que possa ser prazeroso, saudável e seguro para todos, com foco no acesso e permanência das estudantes, acolhimento, enfrentamento das discriminações e formação plena de sujeitas éticas.

Leia com linguagem não binária ou feminina, por gentileza:

“O professor, além de ensinar, passa a aprender; e o aluno, além de aprender, passa a ensinar”. (FREIRE, 1996)

Te convido a sonhar e a realizar.

Simbora agir em nossas ocupações contra as opressões?

Simbora agir em nossas ocupações contra as injustiças sociais?

Simbora imaginar, sonhar e realizar, materializar a sociedade que queremos, sem desigualdades?

Simbora imaginar, sonhar e realizar, materializar a escola que queremos?

Simbora imaginar, sonhar e realizar, materializar a universidade que queremos?

Simbora continuar contando nossas histórias negras, indígenas, LGBTQIAPN+ por nossas mãos?

Simbora efetivar ações afirmativas dentro dos espaços de poder que ocorrem tomadas de decisões?

Simbora efetivar ações afirmativas nas escolas e universidades?

NADA É IMPOSSÍVEL DE MUDAR.

EXÚ NAS ESCOLAS!

REFERÊNCIAS

Bozzano, Hugo Luis Barbosa. Janelas da arte : 7º ano / Hugo Luis Barbosa Bozzano, Perla Frenda, Tatiane Gusmão. - 2. ed. - Barueri [SP] : IBEP, 2018.

Bozzano, Hugo Luis Barbosa. Janelas da arte : 9º ano / Hugo Luis Barbosa Bozzano, Perla Frenda, Tatiane Gusmão. - 2. ed. - Barueri [SP] : IBEP, 2018.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não ser como fundamento do ser. 2005. 339 f. (Doutorado em Filosofia da Educação) FE/USP, São Paulo, 2005.

CHAIMSOHN, Joyce Sangoléte. Encenando gênero em espaço de confiança: experiências pedagógicas e teatrais com adolescentes. / Joyce Sangoléte Chaimsohn. -- Salvador, 2018. 238 f.

EVARISTO, Conceição. A gente combinamos de não morrer. In.: Olhos d'Água. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

FIGUEIREDO, Ricardo de Carvalho. O teatro na escola e a construção de uma cultura de paz. Urdimento, Florianópolis, v.3, n.36, p. 249-259, nov/dez 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p. ISBN 8521900058.

KIOMBA, Grada. Memórias da Plantação – A Máscara. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019 b.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade.* Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

LÍRIO, Vinícius da Silva. Entre rascunhos e ensaios: pensamento e criação de poéticas e pedagogias indisciplinares. In.: Criar, performar, cartografar: poéticas, pedagogias e outras práticas indisciplinares do teatro e da arte. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2020, p. 111-138.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.* 16ª edição. Rio de Janeiro: Vozes. 2014.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo.* São Paulo: E.P.U., 1992.

MOMBAÇA, Jota. O mundo é meu trauma. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 11, página 20 - 25, 2017.

OLIVEIRA, Victor Hugo Neves. “A gente combinamos de não morrer”: necropolítica e produção artística. Universidade Federal da Paraíba João Pessoa, PB, Brasil. Conceição. Conception, Campinas, SP, v.9, e020021,2020.

Recurso Artístico – “Teatro & ESI, Cuadernillo N°4”. Equipo de Redacción: Chiussi, Antonela Carla; Rososzka, Juliana; Spina Leonardo Maximiliano (2021). Buenos Aires, Argentina. Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009.